

VILLA RICA

POEMA

DE

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

ARCADE ULTRAMARINO

COM O NOME

DE

GLAUCESTE SATURNIO

*Offerecido ao Illm. e Exm. Sr. José Antonio Freire de Andrada,  
Conde de Bobadella, etc., etc., no anno de 1773*

*José Geraldo Bexerra de Menezes*

OURO PRETO

TYP. DÓ — ESTADO DE MINAS

1897 ✓

V  
B869.1  
C837  
VR  
1897

*Ultra Garamantos, et Indos proferet imperium.*

Virg. *Aen.* 6.

**BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL**

Este volume acha-se registrado

sob número 680 - F

do ano de 1976

Encetamos hoje a publicação do bello poema de Claudio Manoel da Costa, commemorativo da fundação da Capital de Minas.

Essa preciosa composição do mavioso poeta mineiro, que deixou seu nome inolvidavelmente preso á historia da Inconfidencia, é hoje quasi desconhecida, pela raridade dos exemplares de sua unica edição de que temos noticia.

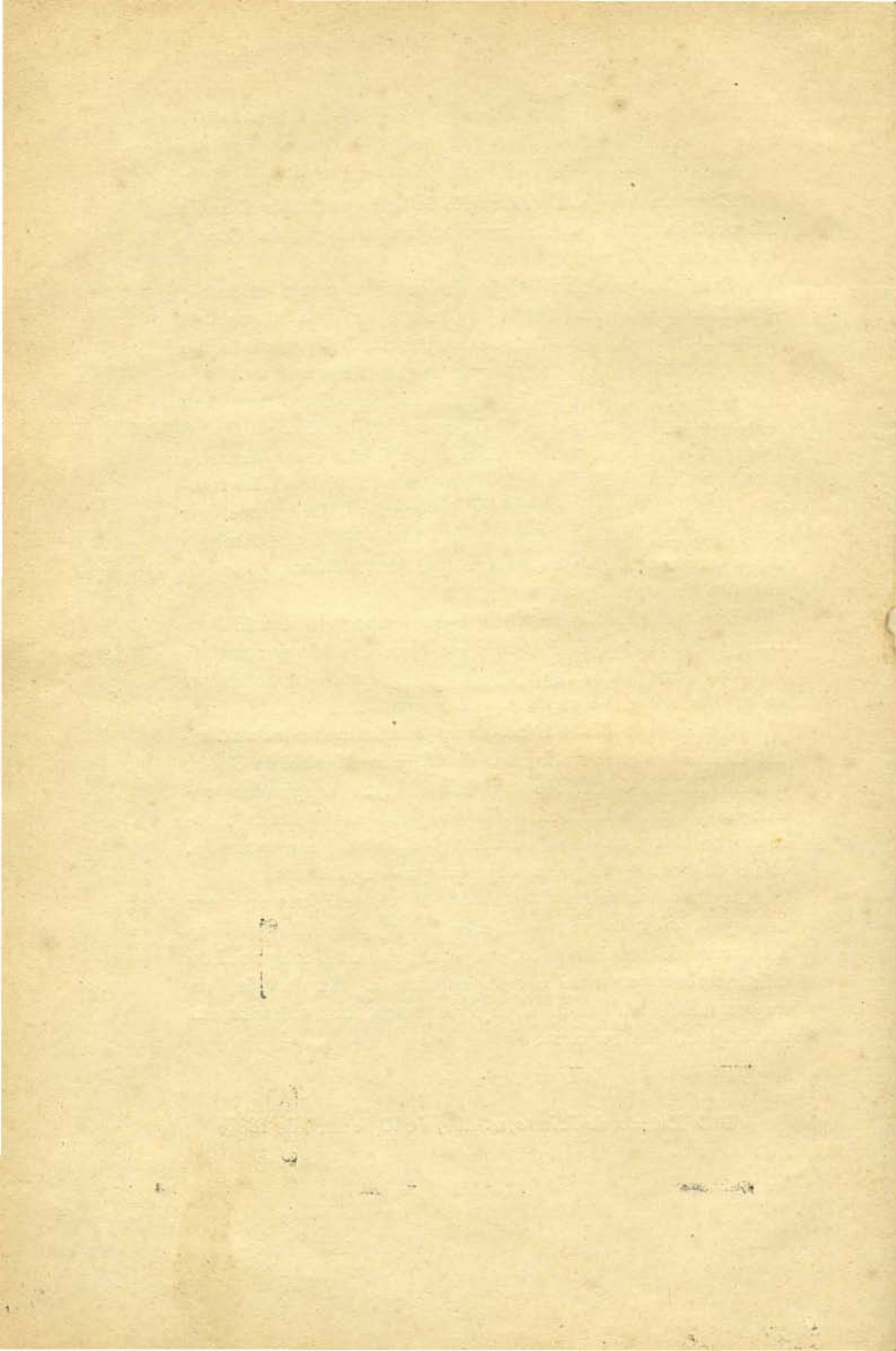
A edição que temos á vista foi feita em Ouro Preto, em 1839, na typographia d'*O Universal*, folha de José Pedro Dias de Carvalho, e contém além de um *fundamento historico* notas explicativas, que muito illustram a historia dos tempos remotos em que o poema foi escripto. Deixamos por enquanto de publicar o *fundamento historico*, o que faremos mais tarde, em edição avulsa que pretendemos tirar do importante poema.

Esse trabalho foi primitivamente publicado em 1813 na revista fluminense *O Patriota* e é desconhecido por grande numero de mineiros, mesmo dos mais ciosos em conhecer os nossos homens e as cousas do passado.

Reedictando *Villa Rica*, como já o fizemos para as *Cartas Chilenas* e para os *Sonetos* de Claudio Manoel da Costa, é nosso intuito vulgarizar novamente essas inspiradas produções da muza mineira, onde o espirito se deleita e o coração se eleva, voltados pela imaginação a esse passado, cheio de glorias, de que nos lembramos orgulhosos.

Agora que a velha Capital de Minas está prestes a ser despojada de suas regalias, não é sem proposito lembrar a historia de sua fundação, traçada pela mão magistral do inditoso poeta que aqui cerrou os olhos á luz da vida, na tragica masmorra que inda hoje visitamos, horrorisados, em pia e patriótica romaria.

(D'*O Estado de Minas*, n. 481, de 10 de abril de 1897)



# CARTA

## DEDICATORIA

Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. — Depois de haver escripto o meu poema da fundação de Villa-Rica, Capital das Minas-Geraes, minha patria, á quem o deveria eu dedicar mais, que á v. exc. ! Ha muito, que ansiosamente sollicito dar ao mundo um testemunho de agradecimento aos beneficios, que tenho recebido da exma. Casa de Bobadella: Este me persuado que o pode ser, sinão pelo mais completo, ao menos pelo mais puro: a idade, que o lêr, confessará ingenuamente, que não obrou a lisonja, aonde sobresahe a verdade. Dirão que adornei de louvores os preclarissimos nomes de v. exc. e do exm. sr. Gomes Freire de Andrada, seu digno irmão, mas poder-se-ha conhecer ao mesmo passo, que me deu dilatadissimo campo um merecimento á todas as luzes solido, grande, e incontestavel.

Quem ignora que por quasi trinta annos descançaram com felicidade nas mãos dos exms. Freires as Minas do ouro do nosso Portugal? Quem não viu alegres os povos, satisfeito o monarcha, e conseguida em toda a sua extensão a igualdade da justiça por todo este espaço do saudoso Governo daquelles Heroes? Podéra produzir muitas provas, se me não sobrasse por todas a mesma diuturnidade dos annos, que refiro. Parece que o Rei desejava fazer eternos na protecção destes vassallos, tão apartados do seu throno, aquelles espiritos, que tanto apetezia ter ao seu lado: Esta foi a maior significação de amor, com que distinguiu aos moradores das Minas: o testemunho maior com que qualificou o conceito, que formava dos exms. Freires.

Devera agora arrebatat-me na individual exposição de todas as virtudes de v. exc., no elogio do seu esclarecido sangue, na portentosa serie das suas acções, tudo tenho diante dos olhos, tudo me lisongea por extremo, e me estimula tudo.

Levantára uma nova Epopeya, que fizesse emudecer o rapto dos Mantuanos nos seus Marcellos; mas que posso dizer, se conheço tão desigual o canto á vista do objecto, que concebo! O mundo me accusaria sempre de diminuto; e eu receberei grande vaidade de acabar com a ponderação deste embaraço este obsequio. Sou

De v. exc, humilde servo.

*Claudio Manoel da Costa.*



## PROLOGO

Leitor, Eu te dou á ler uma memoria por escripto das virtudes de um heróe, que fóra digno de melhor engenho para receber um louvor completo. Não é meu intento sustentar, que eu tenho produzido ao mundo um poema com o caracter de Epico, sei que esta felicidade não conseguiram até o presente aquelles homens, a quem a fama celebra laureados na Grecia, na Italia, em Inglaterra, em França, e nas Hespanhas. Todos se expozeram á censura dos criticos, e todos são arguidos de algum erro ou defeitos: a razão pode ser a que assigna um bom autor: inventaram leis, aonde as não havia. (a) Mas dou-te, que eu não te offereça mais, que uma composição em metro, para fazer ver o distincto merecimento de um general, que tão prudentemente pacificou um povo rebelde, que segurou a real auctoridade, e que estabeleceu, e firmou entre as differentes emulações de uns e outros Vassallos desunidos os interesses, que se deviam aos soberanos Principes de Portugal: dirás, que é digna de reprehensão a minha empresa? Na verdade não espero de teu benigno animo esta correspondencia: e tudo o que não for injuria ou accusação, será para mim uma inestimavel remuneração das minhas fadigas.

Se eu fiz alguma diligencia por averiguar a verdade, digam-te as muitas ordens e leis, que vês citadas nas minhas notas, e a extensão de noticias tão individuaes, com que formei o plano desta obra: pode ser que algum as conteste, pelo que tem lido nos escriptores da historia da America; mas esses não tiveram tanto á mão as concludentes provas, de que eu me sirvo; não se familiarisaram tanto com os mesmos, que intervieram em algumas das acções e casos acontecidos neste paiz; e ultimamente não nasceram nelle, nem communicaram por tantos annos, como eu.

(a) Voltaire: Essay sur la Poesie Epique pag. 334 — 335.



E se estas Minas pelas riquezas, que tem derramado por toda a Europa, e pelo muito, que soccorrem com a fadiga dos seus habitantes ao commercio de todas as Nações polidas, eram dignas de alguma lembrança na posteridade, desculpa o amor da patria, que me obrigou á tomar este empenho, conhecendo tanto a desigualdade das minhas forças. Estimarei ver elogiada por melhor penna uma Terra, que constitue hoje a mais importante capitania dos dominios de Portugal.

*Vale.*

---

## FUNDAMENTO HISTORICO

Persuadido o autor desta obra, de que não serão bastantes as notas, com que illustrou os seus cantos á instruir ao leitor da noticia mais perfeita do descobrimento das Minas Geraes, da sua povoação e do augmento, a que têm chegado os seus pequenos Arraiaes, se resolveu a escrever esta preliminarção historica, em que protesta não pretender alterar a verdade á beneficio de alguma paixão, e só se regula pelo mais critico, e incontestavel exame, que por si, e por pessoas de conhecida intelligencia e probidade pôde conseguir sobre factos, que ou a tradição conserva de memoria, ou escreveu raramente algum genio curioso, que o testemunhou de vista.

Entre os desta conducta deu um importante soccorro o coronel Bento Fernandes Furtado, natural da cidade de S. Paulo, que ha poucos annos falleceu no Serro-Frio, tendo sido morador no arraial de S. Caetano districto da cidade de Marianna.

Confiou elle do Autor em sua vida alguns apontamentos, que fizera, e achando-os o autor em muita parte dissonantes, do que havia lido na historia de Sebastião de Pitta Rocha, e outros escriptores das cousas da America, procurou confirmar-se na verdade pelos monumentos das camaras, e secretarias dos governos das duas capitánias, S. Paulo e Minas.

O sargento-mór Pedro Taques de Almeida Paes Leme, natural tambem da mesma cidade de S. Paulo, e alli morador, de estimavel engenho, e de completo merecimento, remetteu ao autor desde aquella cidade todos os documentos, que conduziram ao bom discernimento desta obra, e regendo-se o autor por ordens regias, cartas de governadores, attestações de prelados ecclesiasticos, e manuscritos desde a era de 1682, achados nos archivios, que foram dos padres denominados da Companhia de Jezus naquella

provincia, facilmente poderá descalpar-se, se offerece ao publico este poema, sem o recio de ser insultado nas opiniões que sustenta, ainda quando mais contestadas de uns, ou de outros sectarios.

Os naturaes da cidade de S. Paulo, que tem merecido a um grande numero de geographos antigos e modernos serem reputados por uns homens sem sujeição ao seu soberano, faltos de conhecimento, e respeito, que devem ás suas leis, são os que nesta America tem dado ao mundo as maiores provas de obediencia, fidelidade, e zelo pelo seu rei, pela sua patria, e pelo seu reino. (1)

A vigilancia com que attendiam pela harmonia, e utilidade economica do seu paiz, os aconselhou muito antes, que a todo o Portugal á fazer sabir das suas terras os padres denominados da Companhia de Jezus: por sediciosos, e máus os pozeram elles em um total exterminio no mez de julho de 1640, e por força de uma caridade indiscreta de Fernam Dias Paes contra o voto commum foram depois restituídos á S. Paulo no anno de 1653. (2)

Trabalharam incessantemente por adeantar os interesses do real erario; e se gloriam de que fossem Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira os primeiros paulistas, que apresentaram as mostras do ouro das Minas Geraes ao governador do Rio de Janeiro, Antonio Paes de Sande, pelos annos de 1695.

Fallecendo o dito Sande, ficou com o governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remetteu a El-Rei D. Pedro as mostras do dito ouro em carta datada no Rio de Janeiro a 16 de junho do mesmo anno. (3)

(1) Veja-se o que escrevem o Abbade Lambert na sua *Historia Univers. Civ. Natur. Política e Religiosa. tom. 14 cap. 5. pagin. 65, e seqq.*

O autor do interesse das nações da Europa tom. 1. cap. 4. pag. 102.

D. José Vaissete, religioso beneditino, na sua *Geograf. Historica, Eccles., e Civil tom. 12 pagin. 216.* E a este exemplo quasi todos os escriptores estrangeiros.

(2) O citado *Vaissete pagin. 217* faz menção deste exterminio dos P. P. ibi—Les habitans ont fait difficulté pendant long-temps d'admettre parmi eux les Jesuites.

(3) Tudo se vê melhor na secretaria do conselho ultramarino no livro de registro das cartas do Rio de Janeiro anno 1673, nas fol. 160 e 163.

Por este tempo se serviu S. Magostade de despachar a Arthur de Sá e Menezes por governador e capitão general do Rio de Janeiro, e por carta regia de 16 de dezembro de 1695 lhe ordenou passasse aos descobrimentos das minas do Sul á executar o que se havia encarregado á Antonio Paes de Sande, praticando com os paulistas benemeritos as mesmas honras, e mercêz de habitos, e foros de fidalgos da casa, conteúdos na real instrução, que pela secretaria de estado se expedira ao dito Sande. Depois por carta regia de 27 de janeiro de 1697 se mandou sahir ao dito Sá com seiscentos mil réis de ajuda de custo em cada anno, além do seu soldo.

Buscando porém as cousas na sua origem, segue o autor por mais certa, e prudente opinião não se poder averiguar indubitavelmente, qual fosse o primeiro paulista, que descobriu as Minas Geraes, de que particularmente se trata nesta obra. E' sem controversia que o primeiro objecto dos conquistadores de S. Paulo foi o captivoeiro dos indios, porque elles substituíam a falta dos escravos, que ao depois entraram em grande numero das costas d'Africa. Desde o estabelecimento daquella povoação, que foi em 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de S. Paulo, donde derivou o nome, se deve presumir que giravam muitos dos conquistadores pelo centro dos Sertões, e atravessavam as Minas, sahindo em bandeiras, (que assim se chamavam as companhias que para esta diligencia se armavam) e recolhendo-se ao depois com a presa, que facilmente podiam segurar.

Dos Sertões penetrados era o mais notavel o da Casa da Casca, nome que se deu a uma aldêa sobre as costas do Rio Doce, que vae fazer barra á Capitania do Espirito Santo, e principia a formar-se desde o correjo do Ouro Preto, recebendo em si immensos ribeiros, e rios caudalosos. Destes Sertões se recolhia na era de 1693 Antonio Rodrigues Arzão, natural da villa de Taboaté com mais cincoenta homens de sua comitiva. Chegado á capitania do Espirito Santo apresentou ao capitão-mór regente daquella villa tres oitavas de ouro; a camara os recebeu com agrado, e lhes subministrou os viveres e vestuarios, de que careciam, segundo as ordens que de El-Rei tinha.

Deste ouro se mandaram fazer duas memorias, uma, que ficou ao dito Arzão, e outra, que tomou para si o capitão-mór; aqui se fundamenta o episodio do segundo canto.

A denunciação desta limitada porção foi sem duvida a primeira, que se fez do ouro, que se descobria nas Minas Geraes; e a de que se conserva memoria em S. Paulo, que é a de Carlos Pedroso da Silveira, por algumas circumstancias discorre o autor ser posterior a ella. Antonio Rodrigues Arzão não podendo ajuntar, na villa do Espirito Santo, a gente que precisava para segunda vez tornar aos Sertões, se passou ao Rio de Janeiro e dahi para S. Paulo: nesta cidade ferido gravemente, dos trabalhos que passára, enfermou, e veio a morrer finalmente, deixando encarregado a Bartholomeu Bueno, seu cunhado, de continuar no descobrimento de que havia apresentado as mostras.

Era Bartholomeu Bueno dotado de bastante agilidade, e fortaleza de espirito; como tinha perdido em jogos todo o seu cabedal, foi facil querer melhorar de fortuna, tomando sobre si com o favor de alguns amigos e parentes a grande empresa, a que havia dado principio Antonio Rodrigues Arzão.

Convocados todos e guiados pelo roteiro que lhes deixára o fallecido, sahiram da villa de S. Paulo pelos annos de 1697. Romperam os mattos geraes, e servindo-lhes de norte o pico de algumas Serras, que eram os faróes na penetração dos densissimos mattos, vieram estes generosos aventureiros sahir finalmente sobre a Itaverava, serra que de Villa Rica dista pouco mais de oito leguas, ahi plantaram meio alqueire de milho; e porque o sertão era mais esteril de caça, que o do Rio das Velhas, para este passou Bartholomeu a tropa, enquanto madurava a pequena sementeira, de que esperava manter-se, para continuar o descobrimento.

No anno seguinte que foi o de 1698 voltaram os referidos sertanistas a colher a sua planta, e entrando na Itaverava foram encontrados do coronel Salvador Fernandes Furtado, e do capitão-mór Manoel Garcia Velho, e outros conquistadores tambem do Gentio, e povoadores das villas,

que ficam ao Leste de S. Paulo : já então trabalhavam com algum desembaraço os sertanistas ajudados de um grande numero de Indios, que haviam captivado nos sertões do Cuyethé, e Rio Doce ; mas como lhes obstava a falta de experiência necessaria, e não tinham instrumentos de ferro para a laboriação, apenas se contentavam com o pouco que podiam apurar em pequenos pratos de páu, ou de estanho, servindo-lhes os mesmos páus agussados de cavar a terra, e de descobrir os cascalhos, formações, em que se conserva, e se cria o ouro.

Quiz Miguel de Almeida, um dos cômpanheiros do Bueno melhorar de armas, e propoz ao coronel Salvador Fernandes Furtado a troca de uma clavina, dando-lhe por avanço todo o ouro que se achasse nos da comitiva ; aceitou o coronel a offerta, e dando-se busca ao ouro se não achou entre todos mais que doze oitavas ; recebeu-as o coronel, e como Manoel Garcia Velho quizesse ter a vaidade de apparecer com aquelle ouro em S. Paulo, commetteu ao coronel a venda de duas Indias, mãe e filha, a preço das dose oitavas ; conveio este no trato, e compradas as Indias, as quaes cathequisadas se baptizou uma com o nome de Aurora, e outra com o de Celia. Desta ultima ha noticia que fallecera ha poucos annos na villa de Pitanguy em casa de uma filha casada do dito coronel, e aqui tem fundamento historico o episodio de Aurora.

Despedidos uns sertanistas de outros, partiu ufano para S. Paulo o capitão-mór Manoel Garcia Velho ; entrando na villa de Taboaté, abi o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira ; e porque lhe não faltava habilidade, e engenho para se conciliar com os patricios, houve a si as dose oitavas de ouro ; com ellas se passou ao Rio de Janeiro ; apresentou-as ao governador, como já se disse, e foi premiado com a patente de capitão-mór da villa de Taboaté.

Consequentemente o nomeou o mesmo governador por provedor dos quintos, concedendo-lhe as ordens necessarias para estabelecer fundição na mesma villa, por ser ella a povoação, onde desembocavam primeiro os conquistadores. Por este modo se vê, que posto que Antonio Rodrigues Ar-

zão denunciasse primeiro que Carlos Pedroso da Silveira as tres oitavas de ouro que descobriu nas Minas Geraes; a sua morte impediu o progresso desta denunciação, e ficou Carlos Pedroso conseguindo a gloria de apresentar o ouro que elle não descobrira.

O descobrimento pois denunciado pela interposta pessoa de Carlos Pedroso da Silveira; e o estabelecimento da casa da fundição em Taboaté, foram os dous fortes estímulos, que animaram aos paulistas a armarem tropas, a prevenirem-se de alguma fabrica mais proporcionada ao uso de minerar, e a desampararem a patria, rompendo os mattos geraes desde a grande serra do Lobo, que divide a capitania de S. Paulo até penetrarem o mais recondito das Minas, menos já na conquista do Gentio, que na diligencia do ouro.

O grande numero de concorrentes, que buscavam as Minas, e a emulação, que logo se accendeu entre os da villa de S. Paulo, e os naturaes de Taboaté, fez que entendidos por varias partes, buscasse cada um novo descobrimento, em que se estabelecesse; não se contentando os paulistas de entrarem em parte nas repartições das faisqueiras, que denunciavam os de Taboaté; nem estes nas que denunciavam os paulistas.

Esta opinião que tinha um semblante de fanatismo, por serem todos da mesma patria, posto que de differentes districtos, veio finalmente á produzir a grande utilidade de se desentranharem em toda a sua extensão as minas do ouro do nosso Portugal, de serem penetradas de uns, e de outros, não se perdoando ao rio mais remoto e caudaloso, nem á serra mais intratavel e aspera: se bem que o conhecimento do ouro nas montanhas e serras, veio á conceber-se mais tarde, que dos rios e seus taboleiros, que são as margens planas que os cercam dos lados.

E porque não é intento do autor cançar ao leitor com a multiplicidade dos nomes de tantos, que tem a gloria de descobridores, e apenas podem ser conhecidos dentro das suas familias, e patria; e menos noticiar individualmente os rios, correjos, e serras que por sua ordem se foram des-

coabrindo, de que tudo tem uma veridica e sufficiente informação; só pelas datas dos tempos fará ver ao curioso quaes foram aquelles que deram ao manifesto as faisqueiras mais avultadas em que hoje se acham creadas a villa do Ouro Preto; a cidade de Marianna; a villa do Sabará; a do Caethé; a de S. João d'El-Rei; a de S. José e a do Principe no Serro do Frio; que fazem as cabeças das quatro comarcas da capitania de Minas Geraes.

\*\*\*

*Villa do Carmo, hoje cidade Marianna*

1699 — Miguel Garcia natural de Taboaté foi o primeiro que deu ao manifesto um corrego, que faz barra no Ribeirão do Carmo, e se comprehende no districto da cidade Marianna: fez a repartição o guarda-mór Garcia Rodrigues Velho com assistencia do escrivão das datas, o coronel Salvador Fernandes Furtado. O Ribeirão chamado o do Carmo descobriu pelo mesmo tempo João Lopes de Lima, natural de S. Paulo, e manifestou em 1700. Repartiu-se e porque as faisqueiras eram invenciveis pela grande frialdade das aguas, despenhadeiros, e mattos cerradissimos que o cercavam de ambas as margens, tanto, que só permittia trabalhar-se dentro d'elle quatro horas do dia, alem da grande penuria dos mantimentos, que chegou a trinta, e a quarenta oitavas o alqueire de milho, e o de feijão a oitenta oitavas; foi facil desampararem os mineiros por algum tempo a sua povoação; e só permaneceu nella o coronel Salvador Fernandes Furtado: dista este ribeirão até a barra do Rio Doce 16 até 18 leguas, e pela volta do rio se computam 30. Está situada em 20 grãos e 21 minutos. Passou a ser villa por creação do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho em 8 de abril de 1711.

\*\*\*

*Ouro-Preto, ou Villa Rica*

O Ouro-Preto que comprehende em si varios ribeiros e morros com differentes denominações, como são Passadez,



Bom Successo, Ouro fino, ou Bueno, etc. teve por descobridores nos mesmos annos de 1699, 1700, 1701 a Antonio Dias natural de Taboaté, ao Padre João de Faria Fialho natural da Ilha de S. Sebastião, que viera por capellão das tropas de Taboaté, a Thomaz Lopes de Camargo que se sitiou nas Lavras, que ao depois vieram a ser de Pascoal da Silva, e a Francisco Bueno da Silva, ambos Paulistas, e este ultimo primo do primeiro descobridor da Itaverava, Bartholomeu Bueno: de todos estes tomaram nome alguns bairros de Villa Rica.

Foi creada villa pelo governador Albuquerque no dia 8 de julho de 1711; está situada em 20 grãos e 24 minutos ao poente.

\* \* \*

#### *Sabará*

Tendo sido atravessado o dilatadissimo sertão do Sabará-Bussú muito antes de qualquer outro das Minas, porque os primeiros conquistadores demandavam o Rio das Velhas, cujas dilatadas campinas eram mais povoadas dos gentios e ferteis de caça, e as primeiras diligencias do ouro e pedras se fizeram ao norte de S. Paulo; consta que o seu descobridor, ou denunciante das suas faisqueiras fôra o tenente general Manoel de Borba Gatto, natural de S. Paulo, de cuja historia se faz menção no Canto 3.º O descobrimento foi na era de 1700. Assistiu á repartição o governador Arthur de Sá e Menezes: passou Sabará a ser villa em 17 de julho de 1711 por criação do governador Antonio de Albuquerque: a sua situação é em 19 grãos e 52 minutos.

\* \* \*

#### *Caethé, Villa da Rainha*

Entre o Sabará e o arraial de Santa Barbara se creou a Villa Nova da Rainha, conhecida ainda pelo nome brasilico de Caethé, que val'o mesmo que *matto bravo* sem mistura alguma de campo: foi descobrimento do sargento-môr Leo-

nardo Nardes Paulista, e de uns fulanos Guerras, naturaes da Villa de Santos. O governador D. Braz da Silveira lhe deu o foral de villa em 29 de janeiro de 1714 por virtude da faculdade concedida ao seu antecessor Antonio de Albuquerque. Está situada em 19 gráus e 55 minutos.

\* \* \*

*Rio das Mortes, Villa de S. João e S. José*

O Rio das Mortes, que os paulistas e viandantes das mais partes atravessavam frequentemente por distar nos primeiros tempos do Ouro-Preto pouco mais de cinco dias de jornada ordinaria, foi descoberto por Thomé Portes d'El-Rey, natural de Taboaté, passados muitos annos depois do descobrimento das primeiras povoações.

Ahi se creou a villa de S. João d'El-Rei, ficando-lhe ao nascente a de S. José, no logar então chamado a Ponta do Morro: foi descobrimento de João de Siqueira Affonso, natural de Taboaté. Foram creadas estas villas pelo governador D. Pedro de Almeida em 19 de janeiro de 1718. A villa de S. João está em 21 gráus e 20 minutos; S. José em 21 e 5 minutos.

\* \* \*

*Serro Frio, Villa do Principe*

Antonio Soares, natural de S. Paulo, avançando maior salto que todos os outros, atravessou os sertões ao norte de S. Paulo, descobriu o grande Serro vulgarmente chamado o do frio, que na lingua gentilica era tratado por Hyvituray, por ser combatido de frigidissimos ventos, todo penhascoso, e intratavel: do seu descobridor proveio o nome a uma das suas serras, que hoje se conhece pelo Morro de Antonio Soares. Neste descobrimento se associou um Antonio Rodrigues Arzão descendente do primeiro Arzão, de quem já se deu noticia. As grandes preciosidades deste continente em ouro, diamantes, e todo o genero de pedras estimaveis, são bem conhecidas por toda a Europa: nelle se estabeleceu o real contracto diamantino, que tem devido aos

Serenissimos Reis de Portugal a maior vigilancia e zelo. A capital denominada Villa do Principe foi creada por D. Braz da Silveira em 29 de janeiro de 1714. Está situada em 18 gráus e 23 minutos.

Discorrendo por entre a grande extensão destas quatro comarcas, apenas se achará rio, corrego, ou serra, que não devesse aos paulistas o descobrimento das suas faisqueiras e estes são os serviços com que se tem acreditado alem de muitos outros os naturaes da cidade de S. Paulo.

Digam agora os geographos que todos são mamelucos; arguam-lhes defeitos que nunca tiveram; sirva-lhes de injuria o haverem nascido entre aquellas montanhas: as almas é certo que não tem patria, nem berço, deve-se amar a virtude, aonde ella se acha: nenhuma obrigação tinha a natureza de produzir só na Grecia os Alexandres, só em Roma os Scipiões.

*Qui par s'intende*

*Di gloria il nome, e la virtù s'onora*

*A L'Assandri suoi L'Idaspe ancora*

O Abbade Pedro Methast. no Dram. de Alexandre.

\* \* \*

*Primeira divisão das comarcas*

Em 6 de abril de 1714 se fez a divisão das comarcas com assistencia do sargento-mór, engenheiro Pedro Gomes Chaves, e do capitão-mór Pedro Frazão de Brito; e se assentou que a comarca de Villa Rica se dividisse dalli em deante da de Villa-Real, indo pela estrada de Matto-dentro pelo ribeiro que desce da Ponta do Morro entre o sitio do capitão Antonio Ferreira Pinto, e do capitão Antonio Corrèa Sardinha, e faz barra no Ribeirão de S. Francisco, ficando a igreja das Cattas-altas para a Villa do Carmo, e pela parte da Itabira se fará divisão no mais alto morro della, e tudo o que pertence á aguas vertentes para a parte do Sul tocará á dita comarca de Villa Rica, e para a parte do Norte tocará á comarca de Villa-Real. O ribeiro das Congonhas, junto do qual está um sitio chamado—Casa branca—, ser-

virá de divisão entre as comarcas de Villa-Rica, e de S. João d'El-Rei, devendo tocar á Villa-Rica tudo o que se comprehende até ella vindo do dito ribeirão para as Minas Geraes; e do mesmo pertencerá á comarca de S. João d'El-Rei tudo o que vae até a villa do mesmo nome; a qual se dividirá com a Villa de Guaratinguetá pela Serra da Mantiqueira. Presidiu a esta repartição o governador D. Braz Balthazar da Silveira; e assignaram nella todos os procuradores das villas. *Consta do livro dos termos na secretaria do governo a fl. 36.*

---

*Série dos governadores*

Tornando á serie dos governadores, que ou entraram nas Minas, tendo annexas as capitánias de S. Paulo e Rio de Janeiro; ou que particular e separadamente as governarão, a que alludiu o Author naquelle verso — Fernando, Arthur, e D. Rodrigo o morto — é sem duvida que deixados alguns governos interinos de ordem d'El-Rei, ou sem ella, succederam na administração das Minas Geraes todos os que se apontaram no Canto 9º.

Recolhia-se Fernão Dias Paes a enviar a El-Rei as mostras das esmeraldas, e deixando a seu genro Manoel de Borba Gatto, morador no Rio das Velhas, a polvora e o chumbo, e mais petrexos e ferramenta de sua laboriação para tornar as Minas logo que recebesse as reaes ordens. Sahia D. Rodrigo por este tempo (que seria pouco mais ou menos na era de 1681) acompanhado de alguns paulistas, como foram Mathias Cardoso, Domingos do Prado, João Saraiva de Moraes, Manoel Francisco pai de Salvador Cardoso, Domingos do Prado pai de Januario Cardoso, e varios outros, que tinham a pratica dos sertões das Minas.

Avisinhando-se D. Rodrigo ao Borba, no intento de querer passar ás minas das esmeraldas, lhe mandou pedir o soccorro que precisava de polvora, e chumbo, e dos mais instrumentos de ferro: repugnou o Borba, a pretexto da espora em que estava de seu sogro Fernão Dias Paes; e querendo os que acompanhavam o fidalgo ir á força despo-

jar o Borba do que pediam, pacificou D. Rodrigo este primeiro impeto, tomando sobre si a consecução do negocio por meios menos arriscados.

Desordenou a imprudencia de um ameaço toda a felicidade do empenho; e ainda que sem mandato expresso do Borba, foi morto D. Rodrigo nessa occasião por uns pagens, ou bastardos, que viviam aggregados a elle: a esta morte se seguiu salvar-se engenhosamente o Borba, affectando a repentina chegada de Fernão Dias Paes; e em consequencia da fugida, em que para logo se poseram os paulistas acima nomeados, foram elles os primeiros que se entranharam pelo Rio de S. Francisco; e povoaram, e encheram de gados as suas margens, de que hoje se sustenta o grande corpo das Minas-Geraes; nem mais quizeram voltar para a patria, envergonhados do engano em que haviam cahido.

Temeroso o Borba de que o buscassem as justças, e que sobre a sua prisão fizesse El-Rei as maiores diligencias, se metteu nos sertões do Rio Doce com alguns indios domesticos da sua comitiva:ahi viveu varios annos respeitado por Cacique sem mais lei, ou civilidade, que aquella, que podia permittir uma communicação entre barbaros.

Estimulado com tudo dos remorsos da consciencia, cuidou em mandar dous indios praticos a S. Paulo a tomar alguma intelligencia dos seus parentes sobre o estado em que se achava o seu crime: estes lhe facilitaram o accesso ao governador Arthur de Sá e Menezes, recentemente chegado áquella capitania; falou-lhe Arthur de Sá com affabilidade e lhe prometeu o perdão em nome d'El-Rei, com tanto que elle fizesse certo o descobrimento que denunciava do Rio das Velhas.

Bem se pode considerar o estado em que se achariam as Minas por todo este tempo, em que só o despotismo, e a liberdade dos facinorosos punham, e revogavam as leis a seu arbitrio. O interesse regia as acções, e só se cuidava em avultar em riquezas, sem se consultarem os meios proporcionados a uma acquisição innocente. A soberba, a lascivia, a ambição, o orgulho, e o atrevimento tinham chegado ao ultimo ponto.

Aprestado o Borba, e soccorrido de muitos parentes, e amigos, acompanhou a Arthur de Sá, chegou ao Rio das Velhas, deu ao manifesto este descobrimento, e se fez digno pela grandeza das suas faisqueiras, que o Governador o premiasse com a patente de tenente general de uma das praças do Rio de Janeiro.

Pouco tempo se demorou Arthur de Sá no Rio das Velhas, lavrado o mais facil daquelles ribeiros, se retirou outra vez para S. Paulo, substituindo-lhe uma especie de jurisdicção no civil, e no crime o mestre de campo dos Auxiliares, Domingos da Silva Bueno, guarda-mór das repartições das terras e datas mineraes, creado pelo mesmo governador.

Com a ausencia de Arthur de Sá, como corpo sem cabeça, tornaram as Minas á mesma desordem : as distancias das quatro comarcas já penetradas, e cheias de um grande numero de povoadores de differentes capitánias, que tinham entrado, difficultavam as providencias de um só homem, em quem ainda não acabavam de reconhecer os povos a jurisdicção, de que estava encarregado.

Por este tempo se começaram á suscitar os odios entre os filhos de S. Paulo, e os naturaes de Portugal, que elles denominavam *Buabas*, Dous religiosos, cujos nomes e religiões se não declararam pèr se evitar o escandalo, fomentaram todo o calor desta desunião. Viviam elles na liberdade, que permittia o paiz, e á impulsos de uma desordenada ambição atravessaram com tres arrobas de ouro o fumo e a caxassa, ou aguardente da terra, para a venderem monopolisadamente pelo mais alto preço. Quizeram logo praticar o mesmo com as carnes dos gados, e encontrando a opposição dos paulistas, resolveram acabar com elles, expellindo-os de uma vez das Minas, que elles haviam conquistado, e em que estavam estabelecidos com as suas famílias e fabricas.

Sucedendo uns factos a outros, e tomando corpo a emulação conseguiram os europeos a expulsão e despejo dos paulistas pelos annos de 1709 para 1710, regendo-os nesta acção os dous chefes Manoel Nunes Vianna, com o cara-

cter de governador, com que o decoravam os seus, e Antonio Francisco com o de mestre de campo por nomeação do mesmo Vianna.

Quaes fossem estes dous homens, o dão a conhecer as notas, que se ajuntaram ao Canto 5.º e 6.º; e posto que pelo que respeita á Vianna se citasse só o testemunho do conde de Assumar em uma carta resistada no Livro n. 7 da secretaria do governo das Minas Geraes; no mesmo livro se encontram infinitas, que accusam as intrigas, sublevações e desordens, que elle continuava a maquinar nos districtos, onde vivia, do Rio das Velhas, as quaes por brevidade se não transcrevem.

Quanto á Antonio Francisco, o mesmo conde dá um testemunho do seu character na carta escripta ao doutor Valerio da Costa Gouvêa, ouvidor da comarca do Rio das Mortes, datada em 14 de março de 1718 paginas 22 e 23: nella se lêem estas palavras. —

*Eu não sei, se expliquei bem, quando fallava a Vmc. na minha antecedente no exterminio deste homem, porque se queria saber de Vmc. o partido, com que ahi me achava, era julgando ser precisa a prisão; porque bem sabia eu que os perturbadores, e sediciosos não só podiam, mas deviam ser expulsados; a difficuldade só, que se me offerecia, era no modo de o fazer; porque a desgraça deste paiz è tal, que sendo de tão baixo nascimento este homem, è aquelles, que se não prendem, para se soltarem.—*

Fazendo porém justiça, é certo que entre os rebeldes e levantados daquelle tempo, tinha melhor indole, que todos, o supposto governador Manoel Nunes Vianna: não consta que commettesse, por si ou por algum de seus confidentes, positivamente alguma acção nociva ao proximo: desejava reger com egualdade o desordenado corpo, que se lhe ajuntára; acolhia afavelmente a uns, e a outros; soccorria-os com os seus cabedaes; apasiguava-os, compunha-os, e os serenava com bastante prudencia; ardia porém por ser governador das Minas; e se tivesse letrás, se podia dizer que trazia em lembrança a maxima de Cezar — *Si violandum est jus, regnandi gratia violandum est.*

Este projecto lhe desordenava a serenidade do animo, e o punha na consternação de dissimular os insultos daquelles, aquem era devedor do mesmo logar, que occupava: sobre este artigo é que o Author o accusa nesta obra; sendo certo que a obediencia aos soberanos se deve tributar sem algum rebugo; e que nada tão sagradamente deve respeitar um fiel vassallo.

Atormentavam os ouvidos de D. Fernando Martins Mascarenhas os tumultos e desordens, em que estavam as Minas, e querendo pessoalmente socega-las, marchou para ellas desde o Rio de Janeiro no mez de junho de 1710. Chegou ao Rio das Mortes com intento de passar ao Ouro Preto, aonde residiam principalmente os chefes dos levantados: offereceram-se-lhe alguns paulistas, e filhos de Portugal mais bem intencionados para o acompanharem nesta diligencia; elle porém não consentiu no obsequio, por evitar assim algum ruido maior entre os sublevados; não cessaram com tudo elles de fazer espalhar a noticia de que D. Fernando trazia cargas de correntes, e outros instrumentos de ferro para punir aos cúmplices do levantamento, e conspiração contra os paulistas.

Derramada esta voz pelas Geraes, se dispoz Manoel Nunes Vianna á disputar-lhe a entrada; armou em tom de politica, e cortejo um grande numero de homens a cavallo, e repartiu ordens por todos os districtos circumvisinhos ao Ouro-Preto, que com pena de morte se apromptassem aquelles moradores para uma diligencia. Chegava D. Fernando ao arraial das Congonhas, distante oito leguas de Villa Rica, quando os que acompanhavam a Vianna avistando de longe ao governador, clamaram em altas vozes — Viva o nosso general Manoel Nunes Vianna, e morra D. Fernando, se não quizer voltar para o Rio de Janeiro.

Alguns se querem persuadir que Manoel Nunes Vianna entrara violentado nesta acção, e elle se pretendeu escusar do conceito de rebelde, e sublevado, passando occultamente na noite seguinte á fallar com D. Fernando, protestando-lhe estar prompto para entregar o governo quanto á sua parte, e de tudo isto lhe pediu por escripto uma attestação.



Assustou-se o governador com a inesperada saudação dos rebeldes, e pediu oito dias para se retirar: concederam-se-lhe estes, mas não se aproveitou D. Fernando do beneficio; porque sem muita demora deu as costas ás Minas, e voltou para S. Paulo: ahí trabalhava anciosamente em se reforçar com os paulistas, para vir sobre os levantados, fazendo commum a afronta delles; e meditando para o seu despique puxar as tropas do Rio, e Bahia, e juntos por uma parte, e outra atacarem todos ao mesmo tempo as Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro a frota de Portugal, e nella veio render a D. Fernando o governador e capitão general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por patente datada em Lisboa em 23 de Novembro de 1709.

Sem perda de tempo se poz em marcha para as Minas, e levando a resolução de entrar nellas disfarçado como qualquer particular, buscou o arraial do Caethé á avistar-se com um Sebastião Pereira de Aguilar, filho da Bahia, homem rico, e poderoso, de conhecido valor, e espirito, que tinha por então tomado sobre si atacar a Manoel Nunes Vianna, e todos os seus parciaes pelas injustiças, e violencias, que praticavam, especialmente com os filhos do Brasil de qualquer provincia, á quem tinha transcendido o odio conciliado contra os paulistas.

Consta que o dito Sebastião Pereira de Aguilar escrevera á S. Psulo á D. Fernando Martins de Mascarenhas, offerecendo-se-lhe para lhe segurar o governo com o poder de muitas armas, e gentes, que tinha já adquirido; e talvez foi este o motivo que obrigou a Albuquerque á buscar na sua entrada aquelle districto do Caethé, hoje — Villa Nova da Rainha.

Na passagem, que fez a comitiva de Albuquerque pelos levantados, foi conhecido de Antonio Francisco o capitão José de Souza, que vinha na sua guarda: cumprimentaram-se sem algum susto, por ter servido o dito Antonio Francisco de soldado na praça da Colonia na companhia do mesmo capitão. Este lhe deu a noticia de haver entrado já nas Minas o governador, e o capacitou com fortes persua-

sões, á que o buscassem, e se lançassem á seus pés os chefes dos levantados, se queriam melhorar de semblante na sua causa.

A perturbação, em que se via posto o governador Vianna, combatido pela parcialidade avultada de Sebastião Pereira de Aguilhar, e os ameaços de um formidável castigo, que por ordem de El-Rei acabava de insinuar o capitão José de Souza, obrigaram a Manoel Nunes Vianna, a Antonio Francisco, e a muitos outros cabeças do levantamento á partirem sem demora para o arraial do Caethé: ahí se achava hospedado o governador em casa de uns tres irmãos, naturaes tambem da Bahia, que eram José de Miranda Pereira, Antonio de Miranda Pereira, e Miguel Alves Pereira, talvez parentes, ou amigos de Sebastião Pereira de Aguilhar.

Prostraram-se aos pés de Albuquerque os rebeldes, e desculpam, quanto lhes foi possível, os seus crimes: o governador os recebeu affavelmente, não querendo usar do poder e das ordens, de que vinha fortalecido: seguro á todos o perdão pela emenda, que dessem a conhecer para o futuro; e não tardou á capacitar a Manoel Nunes e Antonio Francisco, que não convinha a assistencia delles nas Minas Geraes, por socegar de uma vez o tumulto dos povos.

Retiraram-se com este conselho os dous para as fazendas, que tinham nos sertões: socegou o povo com a ausencia dos patronos, e proseguiu Albuquerque na creação das villas, e estabelecimento da capitania. Bem é de ver quanto suor e fadigas empregaria o prudente general em segurar o fim de uma tão escabrosa, como interessante empresa. Foi elle o primeiro, que susteve com desembaraço as redeas do governo; que pizou as Minas com lusimento, e firmeza do character, em que El-Rei o pozera; que promulgou as leis do soberano, e fez respeitar neste continente o seu nome..

Esta a heroicidade, que lhe considera o Author; por virtude da qual o contempla digno do elogio, com que honra Soliz ao seu Cortez.

*Admiravel Conquista, e sempre illustre  
Capitão daquelles, que vagarosamente  
Produzem os seculos, e de quem ha raro  
Exemplos na Historia!*

A' Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho succedeu D. Braz Balthazar da Silveira, o qual tomou posse na comarca de S. Paulo em 1713, e passou para as Minas no fim de setembro do dito anno.

A' este succedeu em 1717 o Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, que passou para as Minas em setembro do dito anno. Foi o seu governo bastantemente critico por encontrar a opposição dos povos na creação das casas da fundição. Subjugou heroicamente alguns levantados, e sublevações, principalmente os de Pitanguy fulminados, por Domingos Rodrigues do Prado, e o de Villa Rica, que foi ter á Marianna em 28 de junho do anno de 1720 : aqui se lhe fez preciso prender a uns, e castigar a outros com a ultima pena.

Estes procedimentos lhe adquiriram o nome de tyranno nas Minas ; mas á sua constancia, e resolução deve Portugal a inteira sujeição da capitania ; o exemplar castigo acabou de aterrar os animos de um povo tantas vezes rebelde e segrou de uma vez a real auctoridade.

*Quod si non alium venturo fata Neroni  
Invenire viam, magnisque aeterna parantur  
Regna Deis, calumque suo servire Tonanti  
Non nisi saevorum potuit post bella Gigantum.  
Jam nihil, ó Superi, querimur scelera ista, nefasque  
Hac mercede placent.*

Lucan. Pharsal. tit. 1.º vers. 33.

Durou o governo do conde de Assumar até o anno de 1721, em que o substituiu D. Lourenço de Almeida, que foi o primeiro governador positivo das Minas ; porque nelle se separou a capitania de S. Paulo em governo á parte, ficando os Geraes respectivos só com sujeição aos Vice-Reis do Estado.

Tomou D. Lourenço de Almeida posse na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar do Ouro-Preto com assistencia da Camara, em 18 de agosto de 1721.

A' D. Lourenço de Almeida succedeu o conde das Galvoas, André de Mello e Castro, que tomou posse no 1.º de

setembro de 1732 na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias.

O Conde das Galvéas deu posse á Gomes Freire de Andrada, em 26 de março de 1735.

Mediaram alguns governos interinos, como foi o de Martinho de Mendonça Pina e Mello na ida, que fez o dito conde de Bobadella ao Rio de Janeiro, em março de 1736: foi outra vez levantado o pleito de homenagem em 26 de dezembro de 1737.

Pelos tempos, em que se deteve no Urugay com a real commissão do tratado de limites, substituiu seu irmão José Antonio Freire de Andrada, conde actual de Bobadella, o governo das Minas. Igualmente falleceu no 1.º de janeiro de 1763; se praticou a via de successão no exm. bispo D. Fr. Antonio do Desterro, e nos mais chamados por ella; até que no anno de 1763, em 28 de dezembro entrou no governo o general Luiz Diogo Lobo da Silva.

Este Governador enchendo de merecimentos os dias do seu governo, deu posse ao exm. conde de Valladares, em 16 de julho de 1768.

---

*Descobrimto das esmeraldas, de que se faz menção no  
Canto 8.º*

Dá o Author uma idéa deste descobrimto conforme o que leu em um poema manuscripto de Diogo Grasson Tinoco feito no anno de 1689; e mostra, quanto trabalhou nesta empreza Fernão Dias Paes, natural de S. Paulo.

A 27 de setembro de 1664 commetteu o Senhor rei D. Affonso 6.º á Agostinho Barbalho a empreza do descobrimto das esmeraldas, facilitando-lhe o fim deste negocio com uma carta, que escreveu o mesmo Senhor á Fernão Dias Paes, cujo zelo e capacidade já era bem conhecida naquella corte, na qual lhe ordenava, desse todo o soccorro necessario para a conclusão deste particular. Esta carta fez tanta impressão no espirito generoso de Fernão Dias, como se pode colligir da presteza com que satisfez as primeiras ordens, que nella se continham, e bem o refere Diogo Grasson na oitava 27 do seu panegerico ao mesmo Fernão Dias.

*Lendo-a Fernando, achou que El-rei mandava  
 Dar-lhe ajuda, e favor para esta empreza,  
 E em juntar mantimentos se empenhava  
 Com zelo liberal, r'a a grandeza ;  
 Mas por que exhausta a terra então se achava,  
 E convinha o soccorro ir com presteza,  
 Mandou-lhe cem negros carregados  
 A' custa de seus bens, e seus cuidados.*

Depois de passados alguns annos, tempo, em que já estava no throno o senhor D. Pedro II, sabendo Fernão Dias que com a morte de Agostinho Barbalho não tiveram effeito as ordens, que trouxera, se quiz encarregar voluntariamente da execução dellas, escrevendo primeiro à Affonso Furtado de Mendonça, governador que era então daquelles estados, e tinha a sua residencia na Bahia offerecendo-se-lhe, para este fim com a sua pessoa, e com todos os seus bens : mandou-lhe Affonso Furtado uma patente de primeiro chefe daquella empreza aos 30 de abril de 1672. Nos principios do anno de 1673 se poz Fernão Dias em marcha com varios parentes e amigos seus, demandando a altura, em que Marcos de Azeredo fazia certo o descobrimento das esmeraldas, em cuja diligencia soffreu trabalhos infinitos, como testifica o seu panagerista na oitava 35.

*Parte emfim para os serros pertendidos,  
 Deixando a patria transformada em fontes,  
 Por termos nunca usados, nem sabidos,  
 Cortando mattos, e arrasando montes,  
 Os rios vadeando mais temidos  
 Em jangadas, canoas, balias, pontes,  
 Soffrendo calmas, padecendo frio  
 Por montes, campos, serras, valles, rios,*

Desta sorte chegou á paragem chamada pelos naturaes *Anhonhecanhuva*, que quer dizer, *agua que se some*, e entre nós tem o nome de *sumidor*. Aqui se deteve Fernando por espaço de quatro annos com pouca differença ; e fez varias entradas no *Sobra Bussù*, que val o mesmo, que *cousa felpuda*, e é uma serra de altura desmarcada, que está visinha

ao *sumidouro*, a qual chamam todos hoje comarca do Sabará. Nella achou diversa qualidade de pedras, que por falta de pratica se-lhes não soube dar o valor, de que talvez eram dignas. Da demora, que aqui teve Fernando e do muito, que aqui soffreu, teve origem a discordia entre muitos dos seus companheiros, pois quasi todos conspiravam contra a sua vida, e por ultimo o deixaram só.

Vendo-se Fernando neste desamparo, não esmorece, antes entra á cuidar na brevidade da sua derrota, com animo de buscar a indireitura chamada *Rupabussú*, que soa na nossa lingua *Lago grande*, e junto deste é que suppunham os socavões das esmeraldas. Achava-se Fernando falto do necessario para adeantar o giro desta expedição. Escreve a patria, e ordena a mulher, não se-lhe negue cousa alguma, do que lhe pede. Assim o diz a oitava quarta do seu elogio.

*Isto supposto; já para a jornada  
Manda á patria buscar, quanto á seu cargo  
Incumbe, pois que a fabrica quiada  
Destruida se vê do tempo largo,  
Determina á fiel consorte amada,  
Que á nada, do que pede, ponha embargo,  
Inda que sejam por tal fim vendidas  
Das filhinhos as joias mais queridas.*

Com effeito chegou o postilhão, e trouxe comsigo, o que Fernando pedia. Pozeram-se á caminho, e foram discorrendo por uma dilatada montanha, até que chegaram á *Tucambira*, que quer dizer, *papo de Tucano*, e deixando todo este espaço avassalado, partiram para a *Itamirindiba*, que é muito fertil de peixe, e significa propriamente *pedra pequena e buliçosa*. Aqui pararam por algum tempo, e se proveram de forma, que lhes não fosse damnosa qualquer invasão do gentio: ultimamente buscaram o rumo do norte, até que depois de atravessarem uma parte dos sertões, chegaram as aguas do *Vupabussú*.

Aqui cuidou Fernando logo em expedir cem bastardos dos que trazia, afim de examinar a formaldade das terras

circumvisinhas á este lago, á ver, se achavam alguma lingua, que os informasse melhor, do que buscavam. Na verdade não se frustrou de todo esta diligencia; porque sobre o cume de uma montanha, vendo os bastardos muita gente daquella, que podia dar noticia das pedras pertendidas, investiram a ella, e apenas seguraram um, que, sendo trazido á presença de Fernando, mandou este que com toda a humanidade foi tratado entre os seus. Era elle de um animo seguro, conforme o pinta Diogo Grasson na oitava 61:

*Era o Silvestre moço valeroso,  
Sobre nervudo, de perfidia alheio,  
O gesto respirava um ar brioso,  
Que nunca conhecêra o vão receio:  
Pintado de urucú vinha pomposo,  
E o labio baixo rôto pelo meio,  
Com tres penas de arara laureado,  
De stéchas, de arco e de garróte armado.*

Foi este o que descobriu os socavões de Marcos de Azevedo junto á um serro, que corre do norte para o sul. Mas quanto não custou a Fernando este descobrimento? Trabalhou sete annos nesta empreza. Foi-lhe preciso romper por todas as resoluções dos seus, que só o aconselhavam se retirasse para *Itamirindiba*, e deixasse para melhor tempo o descobrimento pertendido, certificando-o de que os mattos circumvisinhos a Vupabussú exhalavam de si um halito pestilento, e que toda a sua demora alli não podia ser proveitosa. Ultimamente mandou enforcar um filho seu bastardo, que mais estimava, por lhe constar que conspirava contra a sua vida. Chegou enfim á ver, o que tanto desejava, e fazendo-se na volta de S. Paulo, d'onde era natural, não quiz o Céu que elle tivesse a gloria de apresentar ao seu soberano o testemunho do seu zelo e da sua lealdade. Morreu junto ao Guayachy, que entre nós val o mesmo que o rio das velhas. Isto é tudo, quanto sabemos do descobrimento das esmeraldas, sem que possamos affirmar o rumo, altura, e os grãos certos, em que foram descobertas estas pedras.

---

# **POEMA**

DE CLAUDIO MANOEL DA COSTA





# VILLA RICA

## POEMA

DE

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

---

### CANTO PRIMEIRO

Cantemos, Musa, a fundação primeira (1)  
Da Capital das Minas; onde inteira  
Se guarda ainda, e vive inda a memoria,  
Que enche de applauso de Albuquerque a historia.

---

(1) *Fundação primeira.* Este poema tem por argumento principal a fundação de Villa-Rica, ou antes a sua criação de pequeno arraial em villa, á que passou no dia 8 de julho de 1711 com o nome de *Villa-Rica de Albuquerque*.



Tu, patrio ribeirão, que em outra idade  
Dêste assumpto (2) a meu verso, na egualdade  
De um epico transporte, hoje me inspira  
Mais digno influxo ; por que entôe a lyra ;  
Porque leve o meu canto ao clima estranho  
O claro herôe, que sigo, e que acompanho :  
Faze vizinho ao Tejo, emfim que eu vejo  
Cheias as Nymphas de amorosa inveja.

E vós, honra da patria, gloria bella  
Da casa, e do solar de Bobadella,  
Conde feliz, em cujo illustre peito  
De alta virtude respirando o effeito,  
O Irmão defunto (3) reviver admiro :  
Affavel permitti que eu teite o giro  
Das minhas azas pela gloria vossa,  
E entre a serie dos herôes louvar-vos possa.

Rotos os mares, e o commercio aberto,  
Já de America o genio descoberto  
Tinha ao rei lusitano as grandes terras, (4)  
Que o sul rodeia de escabrosas serras.

O titulo contavam de cidades,  
Pernambuco, Bahia, e as crueldades  
Dos indios superadas ; já se via  
O Rio de Janeiro, que fazia  
Escala ás náos : buscando o continente

---

(2) *Dêste assumpto a meu verso.* Leia-se a fabula do Ribeirão do Carmo, que anda impressa entre as rimas do autor.

Coimbra na officina de Luiz Secco Ferreira, anno de 1768, 8.º

(3) *O irmão defunto.* O illm. e exm. sr. Gomes Freire de Andrada a quem s. magestade fez mercê do titulo de Conde de Bobadella, voltando das Missões.

(4) *As grandes terras.* O Brazil, que foi descoberto por Pedro Martins Cabral em 1501, é repartido em quatorze capitánias, das quaes a ultima é S. Vicente, que comprehendeu por muito tempo o governo das Minas-Geraes.

De Paulo, (5) uma conquista está patente,  
Que aos portuguezes com feliz agouro  
Promettia o diamante, a prata, o ouro.

O arbitrio de um só braço (6) moderava  
Toda a capitania ; e projectava  
Albuquerque, que a gente ao sceptro alista  
Fazer mais dilatada esta conquista.

Da noticia de alguns tinha alcançado,  
(E muito mais na idéa está gravado  
O prophetico annuncio) que faria  
Grande serviço ao rei, si a serrania  
Vencesse, e além passasse, e visse a testa  
Do soberbo Itamonte (7) : manifesta  
A estrella se lhe mostra, e um genio esperto (8)  
O guia a ver da empreza um fim mais certo.

Tornando á margem de um soberbo rio (9)  
Já se alojava o heróe, e do sombrio  
Amparo de umas arvores, enquanto  
Vagava a comitiva, ao doce encanto  
Do murmurio das aguas, e do vento  
Dando aos membros suave acolhimento  
O leve somno lhe deitava as azas.  
Tecia debil canna as molles casas,

---

(5) *De Paulo*. No anno de 1554 em 25 de janeiro, dia dedicado á conversão de S. Paulo se celebrou a primeira missa naquella villa, e no de 1711 lhe deu titulo de cidade o sr. D. João 5.º O padre Vasconcellos na sua chronica do Brazil.

(6) *O arbitrio de um só braço*. Os primeiros governadores residiam no Rio de Janeiro, e tinham annexa a capitania de S. Paulo, ou S. Vicente, que comprehendia as Minas já descobertas, e as que de futuro se descobrissem, como se prova do regimento expedido em *Valladolid* em 15 de agosto de 1603 escripto por Luiz de Figueiredo, e se confirma do alvará de 8 de agosto de 1618 inserto na collec. 1.ª da ord. do liv. 2, tit. 54, n. 1.º

(7) *Itamonte*. Serra vulgarmente chamada Itacolomy, ou Itaconomim. nome patrio, que quer dizer—pedra pequena. A villa está situada nas faldas deste penhasco.

(8) *Um genio esperto*. Neste genio se figura o do paiz, como sensivelmente o dá a conhecer o auctor no canto 5 e 6 deste poema.

(9) *Soberbo rio*. Rio das Velhas, primeira povoação das Minas-Geraes

Em que apenas descança algum rendido  
Da fatigada marcha ; alli ferido  
De uma estranha paixão, que n'alma alenta  
Ao lado está do general ; sustenta  
O brioso Garcia (10) o officio inteiro  
De subdito, de amigo, e companheiro.

Rende-se ao somno o heróe, e ao anhelante  
Pulsar do peito, observa o vigilante  
Mancebo, que o combate afflicta lucta  
No horror da phantasia (11) ; um ai lhe escuta,  
Que ancioso respira ; outro mais vivo  
Lhe percebe no assalto successivo ;  
E ao ver, que estende duramente os braços,  
Já teme, e grita, e já lhe rompe os laços  
Do funesto lethargo : ai ! charo amigo,  
(Lhe diz o heróe) não temas, eu prosigo,  
Si é, que o espanto, e o terror, que n'alma provo,  
Me dão para falar-te alento novo.

Neste instante, ai de mim, ou fosse imagem,  
Que ha muito me opprimia, ou que a passagem  
Deste rio me offereça agouro triste ;  
Eu vi (eu inda o vejo, inda me assiste  
Presente aos olhos o medonho objecto !)  
Eu vi, que me apartava do projecto  
De penetrar estes sertões escuros  
O grande Dom Rodrigo (12); dos seguros

---

(10) *O brioso Garcia.* Garcia Rodrigues Paes foi um dos vassallos de maior serviço no descobrimento das minas do ouro : a sua casa se acha premiada em seu filho o Alcaide-mór da Bahia, Pedro Dias Paes Leme, guarda-mór geral das Minas etc. etc.

(11) *No horror da phantasia.* Imita o auctor neste logar a Luciano na sua Pharsalia tit. 1 libi. —

Ut ventum est parvi Rubiconis ad undas,  
Ingens visa duci patriae trepidantis imago.

(12) *Dom Rodrigo.* Entretanto que Fernando Dias Paes enviava a el-rei a mostra de esmeraldas, que tinha descoberto ; chegou D. Rodrigo do Castello-Branco de ordem do mesmo sr. a governar as Minas, e foi morto violentamente no rio das Velhas em casa de Manoel de Borba Gatto, como se lê no canto 8.

Hombros, de que pendera a grave espada,  
Rasga o vestido, e mostra inda manchada  
A carne das feridas, de que o sangue  
Correr se via ; eu tremo, e quasi exangue  
Desmaio á tanta vista : elle se avança,  
Da mão me prende, e diz : Em vão se cansa,  
Em vão o vosso rei, si ver pretende  
Subjugado este povo, que defende  
Com o barbaro zelo as patrias Minas.  
Debalde tu tambem hoje imaginas  
Chegar ao centro dellas : eu contemplo  
Mil perigos na empreza : fresco exemplo  
Te dá a minha morte ; só te espera  
De genios brutos pertinacia fera,  
Falta de fé, traições, crimes atrozes,  
Só terás de encontrar ; si as minhas vozes  
Teu credito merecem ; deixa, evita  
A infame estrada... nisto ao ver, que grita  
Mais forte, e mais medonha a sombra, tremo,  
Pasmo, e me assusto, me horroriso, e gemo.

Sem trabalhos (Garcia então lhe torna)  
A gloria não se alcança, não se adorna  
Do loiro da virtude, o que se nega  
A's arduas diligencias ; sei que chega  
Vosso zelo e valor ao termo, aonde  
Tudo o que é grande, apenas corresponde  
Ao meditado arrojo ; mas passado  
E' talvez o peor ; e já lembrado  
Posso esperar, que o mal encha algum dia  
Os corações, e as almas de alegria.  
Temos dobrado a grande serra ; temos  
Rompido os mattos ; onde ver podemos  
As feras, e o gentio, que a brenha occulta,  
Girar por entre nós : a alma insepulda  
Do morto general a nós nos leva  
Vencer do esquecimento a escura treva ;  
Busque-se o seu cadavær ; e entre os nossos  
Honrada sepultura achem seus ossos.

Aqui chegava, quando a comitiva  
Desde o vizinho monte,— viva ! viva !—  
Bradava em altas vozes ; cresce o espanto ;  
Ambos se admiram, de alarido tanto  
A' causa buscam ; pouco tempo tarda  
Em recolher-se a dividida guarda,  
Com salvas, e com vivas festejando  
A presa, que já vem apresentando.

Tres Indias são, que do Pory (13) robusto  
Em resto escapam ; todo o corpo adusto  
Mostra, que o sol sobre a nudez queimára,  
E que a ingenita côr de branca e clara  
Tornou um pouco escura ; a longa idade  
A todas tres enruga a mocidade ;  
Curvos os hombros ; poucas cars, os braços  
Murchos, e descarnados, mal os passos  
Regem tremendo ; breve arrimo fazem  
De tintos páus, que apenas nas mãos trazem.

Tecendo a téa na morada escura  
Do negro Rhodamanto, outra figura  
Não inculcára mais enorme, e triste  
O termo horrendo, que aos mortaes assiste.

Conta Camargo que ao vizinho monte  
Subira com os seus, e que de ponte  
Um madeiro, que o tempo derribára,  
Lhe servira, e por além passára ;

---

(13) *Pory*. Nação gentia : destes, e de outras nações se escrevem alguns episódios por adorno do poema. (O episodio é tirado do fundamento historico, que se conserva por tradição entre os nacionaes. Toda a scena deste canto se figura no rio das Velhas, por onde se dirigiam as marchas, em razão de serem alli os primeiros descobrimentos das Minas. Na Ecloga de *Arumcio*, que escreveu o auctor, se lêem estes versos que dizem relação á presente historia

*Os primeiros, que entraram na espessura  
Dos asperos sertões dizem que acharam  
Tres barbaras já velhas nesta altura.*

Não disputa o auctor o anachronismo).

Que desd'alli por entre as brenhas via  
Uma pequena aldéa, a quem fazia  
Baixa, e comprida choça a cobertura  
Aos queimados Tapuyas, desd'a altura  
Do monte desparou por metter medo  
Um tiro de espingarda ; nenhum quedo  
Se deixa então ficar : todos se apressam ;  
Fogem, nem mais as flechas se arremessam.

Desamparado o sitio humilde, e pobre,  
Desce ao terreno, e as Indias tres descobre,  
Que de opprimidas dos cansados annos  
Não poderam fugir, temendo os damnos,  
Que dos antigos paes ouvido tinham.

Variamente uns, e outros se entretinham  
Em contar o successo ; e já nctava  
Garcia, que nas indias se firmava,  
Que uma dellas com gesto mais sereno  
Punha nelle os seus olhos ; por aceno  
Observa mais, que explica, que o conhece,  
Da lingua portugueza lhe parece  
Que entende ; e mais se assombra o bom Garcia  
Ao ver, como em um dedo ella prendia  
Uma memoria de ouro ; a joia observa ;  
Cala-se, e a melhor tempo o mais reserva ;  
Exprimindo em um ai, que d'alma exhala  
O mais, que por então sepulta e cala.

Recolhidos a um tempo os companheiros  
Junto aos troncos, nas grutas dos oiteiros  
Se armam as mesas ; de viandas servem  
A mortas caças, que nos cobres fervem,  
As aves, que do chumbo o globo estreito  
Feriu nas azas, e rompeu o peito ;  
O veado, a que o indio na carreira  
Seguiu, e a setta disparou ligeira ;  
Não falta o loiro mel da abelha astuta,  
O grelo da palmeira, e a tosca fructa,



Que alguma arvore brota alli nascida  
Por menos venenosa conhecida,  
Emquanto os brutos animaes a comem :  
(Tanto dos brutos aprendera o homem !)

Tornando ás praias da infeliz Carthago  
O triste resto do troiano estrago,  
Tal se consola da fatal ruina,  
Que pôde a musa celebrar latina.

Longe de Europa os provimentos ficam,  
Nem os fortes cavallos. que se applicam  
A' conducção dos viveres, se atrevem  
A romper os caminhos ; mal se devem  
Pequenas cargas aos robustos hombros  
Dos domesticos indios ; (14) si os assombros  
Desperta em vós esta fatal penuria  
O' generaes de Europa ; nobre injuria  
Concebe o meu heróe ; alli sentado  
Entre os mais companheiros ; rodeado  
Sem distincção alguma, ou já na mesa,  
No leito, no quartel, ou junto á accessa  
Chamma, em que esperam reparar o frio ;  
Tem toda a auctoridade, todo o brio  
Posta no zelo só, na vigilancia,  
Com que prova os esforços da constancia,  
Esquecido de si, e da grandeza  
Por ver o fim da commettida empreza.

---

(14) Deixára o auctor de produzir estas imagens, si ellas não fossem tão verosimeis, segundo a condição dos primeiros tempos. De uma relação manuscrita do governador Arthur de Sá e Menezes, colhemos tudo o que a este respeito se applica ao heróe ; e talvez estes trabalhos tão generosamente soffridos, dão um caracter da grandeza do espirito. Nos Luziadas dizia o Gama ao rei de Melinde :

Corrupto já, e damnado o mantimento,  
Damnoso e mau ao fraco corpo humano.

## CANTO SEGUNDO

Cahia a noite e apenas scintillava  
No céu alguma estrella ; ao chão baixava  
Escassamente a luz, que Cinthia fria  
Mal distincta espalhava entre a sombria  
Rama da espessa matta e duros troncos.  
Não se ouvem mais que os formidaveis roneos  
De aves nocturnas, de famintas feras.

Só tu, Garcia amante, consideras  
Oportuna a teus ais a estação triste ;  
Amor, que ardendo no teu peito assiste,  
Vae buscar o remedio a seu cuidado ;  
Elle te guia, e leva disfarçado  
A' choça, que ás tres Indias deu abrigo,  
O' quanto louvas o silencio amigo,  
Quanto o somno dos mais ! chega, repara  
Na velha afflicta, que a choupana avara  
Apenas cobre com a palha agreste ;  
A leve canna (15), que as montanhas veste

---

(15) *A leve canna*. Providencias da natureza, com que se suppre a falta da luz entre os indios : Assim Virgil, *Æn.* 1. *Et primum silicis scintillam excudet Achaes.*

Já secca ao sol, se accende e a luz ministra  
Com que uma a uma, as Indias tres registra,  
Na lingua nacional, que não ignora,  
Saúda e neste instante a mãe de Aurora  
Conhece ; Aurora, a bella prisioneira,  
Que houve da mão de Arzão, que c'o a primeira  
Medalha de ouro elle prendára ; cresce  
De novo a admiração e se offerece  
A India a dar-lhe relação da filha.

Si o ver-me neste estado é maravilha,  
O' Garcia, lhe diz, humilde e nua ;  
Eu sou Neagoa, eu sou a escrava tua.  
Muitas luas, me lembro, têm passado,  
Desde quando dos vossos atacado  
Foi meu esposo Caribó : seguidos  
Vinheis de muitos arcos ; soccorridos  
Do Coroá, (16) do Paracy valente :  
Assaltastes de noite a nossa gente,  
E mortos os mais destros na peleja,  
Fosse rigor do céu, ou fosse inveja  
Da fortuna, eu que a aldeia governava  
Passei com minha filha a ser escrava. (17)

Era ella em seus annos tão mimosa,  
Que á vista sua desmaiava a rosa,  
Seus olhos claros, as pupillas bellas,  
O' quantas vezes cri que eram estrellas !

---

Lucano na descripção da cabana de Amielas. Lib. IV vers. 524.

Jam tepidæ sublato fune favillæ.

Scintillam tenuem commotos pavit in ignes.

(16) *Do Coroá, do Paracy.* Nações de gentios, que vivem pelos sertões das Minas.

(17) *A ser escrava.* Os moradores de S. Paulo fundaram as suas primeiras riquezas na escravidão dos indios : com este objecto principalmente tentaram centro das conquistas : a beneficio da liberdade se publicaram as providentissimas leis de 30 de julho de 1609, de 10 de setembro de 1611 e a novissima de 6 de julho de 1755, que cassou toda a restricção, que havia a respeito dos quatro casos, em que era licito o captivo dos indios.

Não tinham nossos campos, nem o prado  
Planta mais tenra, flor de mais agrado ;  
Emfim, porque de vós as côres tome,  
De aurora os vossos lhe dão hoje o nome (18).

Vagando estes sertões na companhia  
Dos vossos, eu me lembro, como um dia  
A preço do metal, que despresamos,  
Vós nos comprastes ; ainda nos lembramos  
Do mimo, do agasalho, que fizestes,  
Quando na vossa casa recolhestes  
A mim e a minha Aurora ; esta memoria  
Desperte toda em vós a antiga historia.

Como ? por que arte ? por que modo fôra  
Trazi-la d'entre os seus ? a sua Aurora  
Si a seguira, tambem ? se vive ? e aonde ?  
Garcia lhe pergunta ; ella responde :

Vive, senhor, eu creio, que ainda vive  
A minha e vossa Aurora : della tive  
Noticia ha pouco tempo ; um desses bravos,  
Que o nosso bom Pory tem feito escravos,

---

(18) *Lhe dão hoje o nome.* Substituiu Bartholomeu Bueno, cunhado de Antonio Rodrigues Arzão, as vezes deste no descobrimento das novas Minas: rompeu os mattos geraes até a serra vulgarmente chamada *Itaverava*, que val o mesmo, que *pedra luzente*; ahi plantou meio alqueire de milho e entretanto que madurava a planta, passou a gente da sua conducta para o sertão do Rio das Velhas, por ser elle mais fertil de caça e mel silvestre, unicos soccorros, que encontrava a necessidade dos sertanistas. Voltou no anno de 1698 a colher a pequena sementeira e foi por este tempo encontrado de novos descobridores, que desciam de S. Paulo: eram estes o coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça e capitão Manoel Garcia Velho e outros, de que não ha individual lembrança.

Propoz ao dito coronel o capitão-mór uma troca de armas, e se effectuou esta com o avanço de todo o ouro, que se achou na comitiva. Desejoso o capitão-mór de entrar em S. Paulo com esta pequena porção de ouro que não passou do doze oitavas, não tardou em commetter ao mesmo coronel a compra de duas indias, mãe e filha, as quaes comprou o coronel e, cathequisadas, se baptisou a filha com o nome de *Aurora* e se impoz á mãe o nome de *Celia*.

Me contou, como lá na sua aldeia,  
Que não longe é de nós, ella passeia,  
Do cacique estimada, elle contente  
A busca esposa e ella o não consente.

Mas por que quereis da minha bocca  
Ouvir todo o successo ; só me toca  
Referir uma parte, que outra ignoro.  
Lá na domada aldeia, onde sonoro  
Se vê correr o Parahyba, postas  
Fomos por vosso mando : alli dispostas  
A viver de outras leis, outros costumes  
Detestavamos já dos nossos numes,  
(Si alguns Deuses talvez nós conhecemos  
Na bruta liberdade, em que vivemos),  
O culto, a religião, já divertidas  
No curvo anzol, nas redes bem tecidas  
Armavamos ao peixe, sobre o rio,  
Nos viu um dia o barbaro gentio,  
Que em pequenas canoas rouba e mata ;  
Fugiramos talvez, mas o pirata  
Nos surpr'ende e conduz : vi'mos captivas  
A viver entre os seus ; e apenas vivas  
De pouco em pouco nos transportam ; fico  
C'o a nação do Pory ; e passa o rico  
Thesouro de uma filha, que inda choro,  
Ao crespo Monachós ; qual fosse, ignoro,  
O triste resto do fatal destino. (19)  
Dos braços m'a arrancaram : de ouro fino  
Ao despir-se terna a filha amada,  
Com esta joia então me quer prendada,

---

(19) Toda esta ficção não serve mais que de ornamento, e tudo o que se deduz da historia, é insignificante. Recolhendo-se Antonio Rodrigues Arzão no anno de 1695 á capitania do Espirito Santo com mais cincoenta e tantos companheiros da sua conducta, derrotados e destruidos todos dos repetidos ataques do gentio, apresentou ao capitão-mór daquella villa tres oitavas de ouro, de que se fizeram duas memorias, uma que ficou ao capitão-mór, e outra, que levou o dito Arzão: este é o primeiro ouro das Minas, que ha noticia haver-se denunciado a El-Rei no anno de 1696.

Si pois, de Aurora o caso vos incita  
A' compaixão ; si em vosso peito habita  
O antigo amor, fazei que a liberdade  
Se dê, a quem desperta esta saudade ;  
Esse vizinho povo ao fogo, ao ferro  
Abatei, destrui ; pague o seu erro ;  
E alegre eu veja em vossa companhia  
A vossa Aurora, que ao meu lado via.

Absorto está Garcia, do que escuta ;  
Apenas deixa ver a face enxuta ;  
De aurora o caso o tem sobresaltado ;  
Quer para logo dar a seu cuidado  
O desafogo da cruel vingança ;  
Mas bem que o lisongeie inda a esperança  
De ver a bella indiana, a incerta sorte  
Lh'a pinta, antes que viva, entregue á morte.  
Baixel, que sobre o Egeu de mil procellas  
Combatido se viu, rotas as vellas,  
Não soçobra talvez mais duvidoso  
Ao grave Nôto, ao Euro tormentoso.  
Farei... clamava ; e eis que interrompido  
Foi de um aviso, com que o herôe erguido  
Chama a conselho os companheiros todos.

Si combatidos por diversos modos,  
Diz Albuquerque, de trabalhos tantos  
Entre estas penhas só despertam prantos  
As memorias da morte de Rodrigo,  
Deixemos este assento ; o sonho antigo  
Tenho de descobrir-vos, com que a ideia  
Egualmente me afflige e me recreia.

Lembrados estareis que ha mais de um anno  
Vos fiz saber, que o nosso soberano,  
Que dos quatro Joëns o nome e gloria  
Herdou para triumpho da memoria,  
Vendo ao norte da terra povoada,  
Que atraz deixamos na primeira entrada,

Que fazem vossos paes (20) achar-se o ouro,  
A' custa me ordenou de seu thesouro,  
Que entrasse ao centro dos sertões; buscasse  
As novas minas ; e que examinasse  
As margens, onde em vão tomarem porto  
Fernando, Arthur e Dom Rodrigo, o morto. (21)

Cheio deste projecto eu vejo um dia  
Que um rochedo fatal, a quem a fria  
Neve branqueja a descalvada testa,  
Com medonha carranca me protesta,  
Não passe a descobrir o seu segredo :  
Avizinho-me a elle e rompo o medo : —  
Quem és, pergunto, que ignorado encanto  
Se esconde em ti ? Elle me torna em tanto :

Eu sou dos filhos, (22) que abortara a terra,  
E fiz com meus irmãos aos deuses guerra ;  
(Tu, negro Adamastor, (23) hoje em memoria

---

(20) *Que fazem vossos paes.* Já por este tempo estavam descobertas em S. Paulo as Minas de Curibituba, Pernaguá e Jaraguá e tinha de mais havido o descoberto das esmeraldas, que deu occasião ás grandes providencias dos srs. Reis de Portugal, especialmente do serenissimo Rei D. Pedro II, de saudosa memoria, beneficiando e honrando com muitos privilegios <sup>o</sup> regalias, aos que se empregassem neste exercicio : encarregados D. Francisco de Souza, governador então do Estado do Brasil, e Salvador Corrêa de Sá de promoverem por todos os modos o descobrimento do ouro, pedras e mais haveres, que promettia o largo continente do Brasil. Tudo se pôde ver de um alvará, que se acha registrado nos livros, que serviam de registro nas leis extravagantes na Torre do Tombo de Lisboa desde o anno de 1618 até o de 1687, á fl. 97.

(21) *Fernando, Arthur e D. Rodrigo o morto.* Estes tres governadores, que penetraram de ordem de El-Rei os sertões das Minas, não chegaram a exercer nellas actos de jurisdicção, por encontrarem os embaçadores, de que se faz relação no Cant. 8.º entre a serie dos governadores das Minas.

(22) *Eu sou dos filhos.* A guerra dos gigantes :  
Terra feros partus, immania monstra, gigantes.  
Edidit... Claud- gigant.

(23) *Tu, negro Adamastor.* Allusão ao Cabo da Boa Esperança.  
Cam. Cant. 5.º est. 51.

*Fui dos filhos asperrimos da terra,  
Qual Encelado, Egêo, ou Centimamo,  
Chamei-me Adamastor e fui na guerra,  
Contra o que vibra os raios de Vulcano.*

Me obrigas a trazer a tua historia).  
Meu caso um dia (24) o fado te destina,  
Que escutes inda pela voz de Eulina,  
No centro vivo dos sertões' que apenas  
Tocam das aves as ligeiras pennas ;  
De feios monstros grande cópia habita  
Meu triste seio ; alli se deposita  
Tudo, quanto de grande, novo e raro  
O sceptro luzitano fará claro.  
Alli... mas tudo aos olhos patenteio,  
Disse, e deixando ver o escuro seio,  
De uma pequena lagrima. (25) que a penha  
Derrama das entranhas, se despenha  
Gotta a gotta um ribeiro, logo á raia  
De ambas margens excede e já se espraia  
Separado do berço na campina,  
Um murmurio sonoro só de Eulina  
Repete o nome ; a maravilha estranha  
Inda mais se adianta ; ao longe apanha  
Uma nympha na arêa os montes de ouro,  
Com que esmalta o cabello e o torna louro.  
A margem deste rio povoada  
Vejo da portugueza gente amada,  
Toda entregue á sollicita porfia,

---

(24) *Meu caso um dia.* Veja-se o Cant. 8.º

(25) *De uma pequena lagrima.* Com vaidade sua confessa o auctor  
haver se servido para a descripção do ribeirão do Carmo do sonho do sr. Rei  
D. Manoel, que refere Camões no Cant. 4.º dos Luziad. est. 68.

Estando já deitado no aureo leito,  
Onde imaginações mais certas são.

E na est. 69.

*Viu de antigos. longinquos e altos montes  
Nascem duas claras e altas fontes.*

O ribeirão do Carmo, que foi a primeira villa, que erigiu o heróe em 4  
de julho de 1711 passou a ter titulo de cidade pela ordem regia de 25 de  
abril de 1745.

Neste mesmo tempo se fez a divisão das dioceses. repartindo-se o bis-  
dado em tres cathedraes, que foram, Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas: foi  
o primeiro bispo de Marianna (que assim se chama a dita cidade do Carmo)  
D. Frei Manoel da Cruz, religioso da ordem de S. Bernardo.



Com que o rico metal da terra fria  
Vai buscar a ambição : vejo de um lado  
Erguer-se uma cidade e situado  
Junto ao monte, que um valle aos pés estende  
Vejo um povo tambem : (26) tudo surpr'ende,  
Tudo encanta a minha alma, estou detido  
No phantastico objecto : eis que um gemido  
Arranca desde o seio o monstro escuro,  
E diz : Entre as imagens do futuro  
Talvez te espera... mas.... e nisto em nada  
Se torna toda a machina ideada ; †  
Desfez-se a penha, a nympha e o ribeiro  
Solto dos olhos o sopôr grosseiro.

Não de outra sorte no ultimo horisonte  
Ao sepultar-se o sol, lá desde um monte  
Podem ver-se as imagens differentes  
A's refrações da luz : estão presentes  
Bosques, cidades, ruas e castellos,  
Que os raios em distinctos parallelos  
Talvez figurão ; despertando a aurora,  
Desapparece a sombra enganadora.

O sonho muitas vezes repetido,  
Desde que tenho a idéa concebido  
De entrar para estas Minas, me figura  
Um mysterio na sombra e na figura.  
Vós, que por tantas vezes discorrido  
Tendes estes sertões, tereis ouvido  
O nome de Itamonte ; esta lembrança,  
Este signal só tenho de esperança ;  
Talvez tomando o cume desta serra,  
Acharemos um dia o rio, a terra,

---

(26) *Vejo um povo tambem.* Entende-se o povo do Ouro Preto, pequeno arraial, em que foi creada Villa Rica : está em distancia de duas leguas para a parte occidental da cidade de Marianna : as grandes riquezas, que nella se descobriam, lhe adquiriram o nome de Rica, a exemplo da que creou Hespanha nas suas Indias.

A nympha e os mais portentos, d'onde tome  
Dos thesouros, que espero, a villa, o nome.»

Calou-se o general, e qual murmura (27)  
Uma abelha e mais outra, quando a pura  
Substancia chupam das mimosas flores ;  
Assim, não de outra sorte entre os rumores  
Do inquieto coração, estão fallando  
Entre si cada um e estão pensando.  
Rompe o silencio o pródigo Faria: (28)  
«Eu dos primeiros fui, eu fui, dizia,  
Dos primeiros, que o berço abandonado  
Deixei, mais do fervor estimulado  
De reduzir os indios á justiça  
Da nossa religião, que da cobiça.  
Entrei estes paizes e inda noto  
Em cada tronco os pousos, onde rôto  
O vestido, tentei passando avante  
O giro dos sertões ; de bem distante  
Parte dos grossos mattos descobria  
Uma elevada e tosca penedia,  
A quem corôa um pico a altiva fronte.  
Demandei esta rocha e do eminente  
De toda ella um ribeiro vi, que nasce,  
Que do sol recolhendo dentro a face  
Pareceu converter-se todo em ouro.  
Não vou buscar no meu invento o agouro,  
Nem creio, que este o Itamonte seja,  
Mas sei, que a lingua patria, que deseja  
Explicar sempre em tudo a natureza,  
De *Itá* nome lhe deu, e na rudeza  
Do gentio talvez, que hoje alterado  
O nome *Cunumim* lhe seja dado.»

---

(27) *E qual murmura.* Imitação de Gabriel Pereira na sua *Uliassá*  
Cant. 1. est. 28.

Disse ; e qual nos primeiros resplendores  
As abelhas sollicitas levantam etc.

(28) *O pródigo Faria.* O padre João de Faria Fialho, da ilha de S.  
Sebastião, de quem ainda conserva o nome um dos bairros de Villa Rica pelo  
descobrimento, que ali fez, de um correjo rico.

«Itá é o nome patrio, (diz Garcia,  
Que apénas sua dôr n'alma allivia)  
Este o gentio a toda a pedra estende ;  
O esperado Itamonte em vão se entende  
Na confusão das serras e dos montes,  
Quê assombram todos estes horisontes.»

«Eu tambem discorrera de outra serra  
O mesmo, que Faria, aõnde a guerra  
De feroz botecudo (29) inda me assusta,  
Mas pouco á conjectura se me ajusta  
Toda a confrontação» (disse Camargo) (30).

«E' deste continente o sertão largo,  
(Dizia Bueno) (31) o lago, a serra, o rio,  
E espalhado por tudo o infiel gentio,  
Não deixam á noticia cousa certa,  
Onde possa entender-se descoberta  
A terra, que buscamos.» «Nella intento  
(Albuquerque tornava) o fundamento  
Erguer da capital ; de penha em penha  
Andarei, si a fortuna o não desdenha,  
Té descobrir o monte e o rio, aonde  
Tão grande maravilha o céu me esconde.»

Prosequira o heróe, mas o embaraça  
Descobrir desde longe a vista escassa  
Brioso cavalleiro, que seguido  
Vem de um forte esquadrão do indio vencido ;  
Sôa alegre o clarim, que a marcha guia,  
A salva amiudada ao ar se envia ;

---

(29) *Botecudo*. Gentio bravissimo, que se distingue pela rotura do beico de baixo.

(30) *Camargo*. O alcaide-mór José de Camargo Pimentel, natural da villa de Taboaté, que descobriu o rio Pericicaba e fundou a capella de S. Miguel, hoje freguezia de Antonio Dias Abaixo, de um grande numero de almas, termo da villa de Caeté, comarca de Sabará.

(31) *Bueno*. Bartholomeu Bueno, cunhado de Antonio Rodrigues Arzão, foi por elle convocado entre outros para proseguir o descobrimento das minas do ouro : penetrou estes sertões e mattos geraes, como já se disse até chegar á serra da Itaverava, hoje arraial populoso, distante 8 leguas de Villa Rica, termo da villa de S. José, comarca do Rio das Mortes.

E emquanto de Garcia o heróe se informa  
Do novo aventureiro, posta em fórma  
Cada uma das nações, que traz consigo,  
Um e outro se encontra ao doce amigo,  
Promptos os servos á estribeira pegam,  
Elle se apêa e abraça aos que se chegam.

---



## CANTO TERCEIRO

As paixões acalmára de Garcia  
A chegada do Borba e suspendia  
Ella mesma a partida de Albuquerque.  
Sem que temor algum lhe opprima, ou cerque  
O nobre orcação, na tenda entrava,  
E cortejando o heróe, assim fallava :

«Terás ouvido, ó general famoso,  
Variamente o meu caso ; e duvidoso  
Talvez da fé, que guardo attento  
Ao meu rei em signal do juramento.  
Accusado por cumplice na morte  
Do grande Dom Rodrigo, a minha sorte,  
Mais que o delicto meu (32) desculpar venho;  
Sem adorno o successo agora tenho  
De dizer-te ; e verás, hoje informado,  
Que sou mais infeliz, do que culpado.

---

(32) *Mais que o delicto meu.* Expõe-se neste canto a historia de Manoel de Borba Gato com a maior fidelidade e pureza, que se pode averiguar. O governador Arthur de Sá Menezes lhe deu o perdão em nome de el-rei; e o honrou com o posto de tenente-general, affiançando no descobrimento, que elle promettia e fez certo das Minas e faisqueira do rio das Velhas.

Pouco mais de tres leguas em distancia  
Deste sitio me via, quando á instancia  
Do novo general, que aqui chegava  
A voz de um mensageiro me ordenava,  
Entregasse os soccorros prevenidos  
Da polvora e do chumbo e os commettidos  
A' minha guarda promptos instrumentos  
Do ferro e do aço : opponho a seus intentos  
A razão, que me assiste; e emfim me escuso  
Dizendo, que das ordens não abuso  
Do meu fiel parente, a quem espero  
A cada instante e perto considero  
De entrar commigo a registrar as faldas  
Das montanhas e minas de esmeraldas.

Mal satisfeito da resposta volta  
O importuno ministro e já se solta  
Contra mim declarada toda a furia  
Dos vis aduladores : por injuria  
Reputam toda aquella resistencia,  
E protesta que aos braços da violencia  
Ha de ceder a repugnancia minha.  
Um e outro se offerece, mas detinha  
Ao prudente fidalgo o arduo projecto  
Da brandura, e da paz o nobre objecto  
Do serviço do rei a mim o guia ;  
Em pessoa apparece ; e me seria  
Muito facil ceder, si não houvesse  
Mais forte obrigação, que me prendesse ;  
Uma e mil vezes represento o empenho,  
Que a duvidar me induz e me detenho  
Irresoluto um pouco, (nem atino,  
Si obrava nisto a força do destino)  
Constante era a razão ; pois esperando  
As reaes ordens para a empreza, quando  
Fernão Dias voltasse, não teria  
Os provimentos, que deixado havia ;  
Emfim elle de colera se accende,

Nem as minhas desculpas mais attende ;  
Enfurece-se, grita e ameaça :  
E eu (ó duro extremo da desgraça !)  
Rendido a todo lance, só procuro  
Mitigar-lhe o rancor ; um braço duro,  
Sacrilégio, insolente, infame, ousado ;  
Sem que eu presuma o barbaro attentado,  
Se arroja d'entre os meus ; dispara um tiro,  
E a alma envolta no mortal suspiro  
Voou, deixando a magua, em que me vejo,  
Para salvar a vida, a honra e o pejo.

A noticia do caso accende a ira  
Em todos os que o seguem, já conspira  
Em meu damno o parente e mais o amigo.  
Querem vingar a morte de Rodrigo ;  
Em vão lhes serve de reparo, ou freio  
A innocencia, em que estou ; medito um meio  
De salvar-me ; em esquadras divididas  
Reparto a gente, sobre as mais crescidas  
Montanhas, d'onde fossem descobertas.

As estradas ao longe em parte abertas  
Davam já vista aos impios conjurados  
Quando os tambores e clarins tocados  
Em varios sitios amotinam tudo :  
Cresce o temor ao meditado estudo,  
E crêm que era chegado Fernão Dias,  
Amparado do engano, as serras frias  
Destes sertões dobrei, passo á corrente  
De um grande rio e a margem florescente  
Piso, apenas de alguns acompanhado ;  
Aqui descubro um plano dilatado  
Commodo à creação ; nelle apascento  
Por muito tempo o gado e em novo augmento  
A's descobertas minas já preparo  
Na fome e na penuria o bom reparo.

Estes são os serviços, com que chego,  
Estes os testemunhos são que allego ;



Da innocencia, em que vivo ; os meus parentes,  
Amigos e obrigados, que presentes  
Em grande parte estão, por mim te fallem,  
E quando todos por lisonja calem,  
Do teu antecessor terás ouvido,  
Quanto serve de informe e este luzido  
Bastão, dadiva sua, (então levanta  
A insignia militar) é prova tanta,,  
Que sobra a escurecer qualquer suspeita,  
Que ao meu rei pudesse ser aceita.»

Dizia ; e sempre grave e sempre airoso  
Deixava ver no rosto generoso  
O espirito magnanimo, que o alenta.  
O heróe, que sem mudança se contenta  
De ouvir todo o successo por inteiro,  
Suave acolhe ao nobre aventureiro  
E dando-lhe mil mostras de amizade  
De ordem do mesmo rei o persuade  
A que viva seguro do delicto ;  
Informa-se do sitio e do districto,  
Em que está e o convida para a empreza,  
E por elle pretende haver certeza  
Da serra, que demanda, onde fundada  
Veja uma vez a povoação sonhada.

Consultando as precisas providencias  
Se detém alguns dias e as urgencias  
Do esteril sitio apenas soccorridas  
Eram de algumas caças, que trazidas  
Vinham dos índios menos assustados  
C'o a chegada dos mais, que estão listados  
A' commandancia do hospede : entre varios  
Da nação Monaxós, que voluntarios  
Ao heróe visitavam, se encontrava  
Um mancebo gentil, a quem cercava  
Branco pennacho a testa, os braços cinge  
De amarella plumagem, bravo o finge

A tinta do urucú (33): a côr (34), nem preta,  
Nem branca por extremo, mas que affecta  
Do gelado Samiúte (35) o estranho gesto ;  
Pouco ao braço e ao hombro lhe é molesto  
O arco e a aljava ; o rosto, a falla e tudo  
Verte um ar de respeito, ar sem estudo.

Em vão das flechas a purpurea arara (36)  
Fugir-lhe espera, em vão na garra avara  
Mosqueado tigre lhe ameaça a morte :  
Empunha o dardo e valeroso e forte  
O faz despojo do robusto braço,  
O fere, e corta no vasio espaço.

De impulso por então não conhecido  
O indio, a quem amor tinha ferido  
Se deixava arrastar e praticando  
Tudo quanto a paixão lhe está dictando,  
Do valor do seu braço elle confia  
Roubar traidor a vida de Garcia.

Protegido da noite, a horas, quando  
Jaziam todos, numa mão tomando  
Uma faca e em outra o dardo agudo,  
Por tudo olhando e precavendo tudo  
A tenda busca do saudoso amante ;  
A luz lhe rege o passo e ao mesmo instante  
Na cama o tenta e lhe prepara a morte :  
Houve uma vez de ser propicia a sorte,

---

(33) *Urucú*. É uma fructa, que desfazendo-se dentro d'agua, lança de sí um pô subtil, e tão encarnado, que excede á côr coxonilha: com ella se pintam os indios nas suas festividades.

(34) *A côr nem preta etc.* O gesto deste indio é figurado pelo caracter, quedá Solís ao principe Guatimosin, sobrinho do imperador Moutezuma.— Et color tan inclinado alo blanco, ó tan lexos de la obscuridad. que parecia estrangeiro entre los de su nacion. Hist. Mex.

(35) *Do gelado Sumiúte*. Gentio de nação Russiana, que encontraram os hollandezes na nova Zembla no anno de 1595, taes se figuram os Munaxós pela sua maior braneura e proporção de membros.

(36) *Arara*. É uma ave de côr encarnada, de cujas pennas usam os gentios na cabeça; o seu vôo é muito alto.

Que não dorme Garcia e sente o ruído,  
Ergue-se ; toma a espada e acommetido  
Se vê apenas, quando reparada  
A ferida do dardo, mette a espada  
Por um lado ao traidor ; em sangue envolta  
A tira e a mão suspende ; a um tempo solta  
A corrente do sangue inunda a terra ;  
O indio semivivo os dentes ferra,  
Acena de morrer e grita e brada  
Em roucas vozes, com que amotinada  
Tem toda a gente, que ao successo acode.  
Debalde a conjectura alcançar póde,  
O mesmo, que está vendo ; estranho e occulto  
E' o motivo do aleivoso insulto :  
Faminto lobo no redil fechado  
Assím receioso entrou ; mas acossado  
Do molosso feroz, foi de repente  
Cahir despojo ao sanguinoso dente,

Conhecendo Albuquerque que respira  
Inda vivo, a um dos pousos o retira,  
E lhe põe sentinellas ; manda emtanto  
Se lhe applicuem remedios : o oleo santo,  
Que ministra de Bueno a mão esperta,  
Estanca o sangue e da ferida aberta  
Cerrando a bocca, inda a esperança anima,  
De que a morte de todo o não opprime.

---

## CANTO QUARTO

A continuar a marcha se dispunha  
O heróe, que um vivo zelo testimunha  
Em todos os que o seguem; repartidos  
Aquelles a quem são mais conhecidos  
Os sertões pela margem se espalhavam  
A' direita do rio e se empregavam  
Em socavar a terra, em diligencia  
Do metal, de que tem verde experiencia.

Tinha Pegado adiantado o passo  
Algum tanto dos mais e o corpo lasso  
Junto a um lago, que sobre uma campina  
Seespraia e quebra as ondas, brando inclina;  
Procurando em um tronco em parte encôsto  
Ao hombro e allivio á cabeça e rosto  
Estende-se na arêa e reclinado  
Se vê apenas, quando (ó inesperado  
Prodigio, que o surpr'ende!) eis quemover-se  
Pouco a pouco se admira; ora estender-se,  
Ora encurvar-se o formidavel tronco.  
Levanta-se assustado e logo um ronco  
Ouve medonho, que de todo o rende,

A causa do prodigio não entende,  
Não pensa, não discorre o bom Pegado,  
Grita aos indios attonito, pasmado,  
E o tronco então com rapto mais furioso  
Se arroja desde a praia e busca ansioso  
Sepultar-se no lago, o seio abrindo  
Das aguas, que c'ò a cauda vae ferindo.  
Não de outra sorte sobre os grossos mares,  
Que do Antartico céu cobrem os ares,  
De mergulho se vê buscar a arêa  
O pardo e negro monstro da balêa,  
Quando do arpão do pescador ferida  
Tinge as ondas de sangue e submergida  
Ao fundo leva a barbatana dura.

Vêm os indios chegando e entre a escura  
Sombra do lago inda estão vendo o rasto  
Da fera, que conhecem ; tanto ao pasto  
Da presa, que avistou, leão não corre,  
Como um e outro Tape se soccorre  
Dos pés nadantes e nas mãos levando  
O prompto ferro, o tronco vão rasgando  
Com as cortadoras facas ; já de todo  
Boiando o fazem vir, por arte e modo  
Não pensado, o arrojam sobre a praia.

De curioso ardor cada um se ensaia  
De arrancar-lhe das entranhas tudo,  
Quanto a fome tragára ; absorto e mudo  
Pegado está notando a maravilha.  
Tres veados comêra, emquanto trilha  
A margem da lagôa, estão inteiros  
No ventre e ainda em pello, os dous primeiros,  
Riem-se os indios de Pegado e o riso  
Tem ao mancebo então mais indeciso,  
Vendo que novo alli não conhecêra  
Que é o sucuriú aquella féra,  
De quem ouvido aos nacionaes havia  
Que um tronco na grandeza parecia.

Mas não foi tão de balde este portento,  
Que olhando para o sitio, aonde assento  
Fizera o monstro, o chão não descobrisse  
Inda mal apagado e não se visse  
Um vestigio de uma sepultura.  
Manda cavar Pegado a terra dura,  
E dentro (ó pasmo!) os ossos encontrava  
De um cadaver, a quem assignalava  
A cruz, que tem de Christo e lhe servira  
De habito, ou mortalha; então se admira  
Mais cada um; e aviso ao heróe dando,  
Todos ao mesmo passo vão cercando  
Em roda a sepultura: Bórba chega,  
Affirma, que é Rodrigo e logo allega,  
Como dos indios seus á pressa fôra  
Sepultado, fugindo os mais e agora  
Reconhece o signal na cruz bem dita,  
O authentico padrão mais acredita;  
Vizinho um tronco, á mão cortado, aonde  
De ordem do mesmo Borba corresponde  
Outra cruz á memoria deste officio.  
Celebrou-se o devoto sacrificio  
Junto ao sepulchro; e as ultimas piedades  
Pela mão de Faria as saudades  
Temperavam do morto, consoladas  
As memorias de sangue inda banhadas.  
Urnas fastosas, que cobris no Egypto  
Heróes famosos, sobre vós escripto  
Viva embora o epitaphio, que em memoria  
Dos Ptholomeus inda respira a gloria!  
Sóbra ao bom general, sobra a Rodrigo  
Da nua arêa o misero jazigo;  
A vida pelos reis sacrificada  
Basta a deixar a sepultura honrada!

Magoado deste objecto se cançava  
O heróe e já partir dalli pensava,  
Mas o deteve e lhe cortou o passo

Comvalescido da ferida, Argasso ;  
(Este era o nome do indio) em companhia  
Vinha de sentinella, a quem pedia  
Que á presença do heróe o conduzisse ;  
Como acaso a seu lado então não visse  
A Garcia, fallou mais animoso :

«De traidor e aleivoso sou culpado,  
Magnanimo Albuquerque, ouve-me, attende,  
Saberás que o meu braço não te offende,  
Nem se conspira contra os teus; a dura  
Condição de uma barbara, que jura  
Não ser minha, apesar dos meus desvellos,  
Meu coração encheu tanto de zelos,  
Que imaginei na morte de Garcia  
Vingar o meu desprezo, e a tyrannia  
Castigar do meu bem : fui desgraçado,  
Inda não me arrependo do passado.»

Albuquerque lhe diz que exponha a historia  
De seu furioso amor e que em memoria  
Traga todo o successo ; elle mordendo  
Raivoso os beiços e mil ais vertendo,  
«Não posso, diz, não posso em tudo ou parte  
Dizer-te o que padeço ; o esforço, a arte  
Vos sobra a vós, em mim obra a rudeza,  
Que mais desculpa a natural fraqueza.

Amo a bella indiana, a linda Aurora,  
Que não daqui muito distante mora ;  
Prisioneira em meu braço a vim trazendo  
Lá desde o Parahyba, (37) e discorrendo,  
Que entre os meus Monaxós se renderia,  
Só o nome lhe lembra de Garcia.  
Neagua, a mãe, deste o Pori roubada  
Conheceu-me e me informa da chegada

---

(37) *Parahyba*. Rio, que corre ao sul e corta a estrada do Rio de Janeiro: á sua margem estão algumas aldeias domesticas.

Deste bom cavalleiro, não sabia,  
Que o meu curioso ardor se dirigia  
A mais arduo projecto ; tento a morte,  
E em despojo cuidei do braço forte  
Por triumpho levar á minha amada  
«A cabeça do tronco separada.

Assim fallava, arrogante ; o heróe piedoso  
Quer dar provas de peito generoso,  
Chama a Garcia ; informa-se do resto.  
E por voz de Neagua é manifesto  
O vario giro da amorosa historia.  
«Argasso (diz) da portugueza gloria  
Tu não sabes o timbre ; a indiana bella  
Não disputa Garcia e a tua estrella  
Não queiras contrastar por modo estranho.  
Elle t'a cede, eu proprio te acompanho,  
E contigo pretendo ver a aldêa,  
Onde ella vive e o teu amor te enlêa.»  
«Que vós partaes, senhor, eu não consinto,  
Disse Garcia, ao meu valor distincto,  
Ao meu zelo catholico era injuria  
Saber-se que a contera minha furia  
Necessaria se fez vossa presença ;  
A Argasso desde já perdôo a offensa,  
E quero que conheça aos portuguezes ;  
Com elle partirei e as suas vezes  
Sustentando ao favor da bella indiana,  
Farei que elle ditoso e mais humana  
Ella, se abracem no gostoso alento  
De um santo, de um perpetuo sacramento.

Fia de mim, (ao indio se tornava)  
Que a mesma, que já viste minha escrava,  
Has de vêr-me a seus pés por ti rogando,  
Nem de ti outro premio então demando  
Mais, que em uso melhor convertas logo  
Esse tão louco, como illustre fogo,



Que alimentas no peito ; serás nosso  
Amigo e não escravo e quanto eu posso,  
Nobre rival, te digo desde esta hora,  
Neagua é tua, é tua a minha Aurora.»  
O' tu, Cyro (38) famoso, si pudeste  
Eternizar teu nome, quando déste  
A formosa Pantea ao nobre Araspe ;  
Si na dadiva bella de Campaspe  
Ao namorado Apelles, gloria tanta  
Te adquire, ó Macedonio, a voz que canta  
Teu nome inda por toda a redondeza,  
Vê quanto mais se avança esta grandeza,  
Com que de uma paixão a rebeldia  
Doma e castiga o esplendido Garcia.

Corvem o heróe e espera que domado  
O Monaxós, e á religião chamado  
Se veja por tal modo ; do projecto  
Se faz parcial Faria; turvo o aspecto  
O indio tem á tanta acção, nem sabe,  
Como no coração de um homem cabe  
Subjugar tão valente a paixão dura,  
Que inspira amor. Neagua se procura  
Unir á companhia, as outras ficam  
Entregues ao favor, dos que se applicam  
A povoar em tanto aquella margem.  
Despedem-se ; e Albuquerque, que pela vargem,  
Que alli se estende, a marcha ao centro guia ;  
De Borba tendo prompta a companhia,  
E dos mais, parte em tropas do gentio,  
E das Velhas o nome impõem ao rio,

---

(38) O' tu Cyro. Cam. cant. 10, est. 48.

## CANTO QUINTO

Magnifica, exquisita architectura  
De um Templo guarda o abysmo, onde a figura  
Ao prego da materia corresponde ;  
Lá no mais fundo dos altares, onde  
Arde em perpetuo fumo o rendimento  
Tem o interesse seu dourado assento.  
Este idolo fatal, que se alimenta  
De humano sangue, um monstro representa  
Armado sempre em guerra ; cobre o peito  
Tres vezes de aço, e tem o braço feito  
Ao furor, aos estragos e á ruina  
Tinto em sangue um punhal a mão fulmina;  
Enterrando em um globo a aguda ponta  
Pareceu intentar por nova affronta  
Cravar o coração de todo o mundo ;  
Indignou-se ; e do seio mais profundo  
Suspirou esta vez ; e conhecendo  
Que do calvo Itamonte o aspect) horrendo  
De um panico terror ao longe ameaço  
Não bastava á cortar do heróe o passo,  
Que ao fim se dirigia a illustre empreza,  
E que em breve ha de ver posta em certeza

Toda a idéa do sonho concebida ;  
De todo agora em colera accendido  
Se empenha a embarçar o alto projecto  
Do magnanimo chefe, toma o aspecto  
De um certo religioso, (39) que influira  
Nas primeiras desordens ; e que vira  
Dos nacionaes sinceros o destroço ;

---

(39) *De um certo religioso.* Cujos nome e religião se não declara, como tambem de outro mais, os quaes associadamente, e de mão commum machinaram as primeiras desuniões que houveram entre os Paulistas, e os filhos de Portugal vulgarmente chamados *Buabas*; meditaram estes dous espiritos sediciosos fazer estanco da cachaça e do fumo, generos muito necessarios ao paiz, principalmente naquelles principios do descobrimento das Minas; porque com elles se divertia o grande trabalho e fadigas dos negros, indios e bastardos, que são uma especie de janizaros: não tardaram a pretender o mesmo avanço a respeito das vendagens das carnes, que raramente entravam dos sertões; a tudo se oppuzeram os Paulistas, e daqui nasceu o grande odio, que lhes foram concebendo todos aquelles, que pôde reduzir a malicia dos ditos dous religiosos; vindo finalmente a prodnzir-se uma total discórdia entre uns e outros vassallos, que obrigou a tomarem-se reciprocamente as armas e se concluiu com o ataque dado sobre a fortaleza, que haviam erigido os Buabas, fronteira á villa de S. João d'El-Rey, no anno de 1710. Morreram da parte destes oitenta homens dos sitiados; foram muitos os feridos, e não perderam os Paulistas mais de oito, sendo os feridos muito poucos: era chefe dos Paulistas Amador Bueno, e dos Buabas Ambrozio Caldeira Brant, o qual os havia desafiado por carta, que enviou a S. Paulo, e se acha registrada nos livros da camara daquella cidade tt. 1708 pag. 241, datada em 19 de novembro de 1709 do Rio das Mortes; durou o combate quatro dias e quatro noites; delle se lê uma fiel relação em um Diario, que escreveu certo anonymo com o titulo — *Forasteiro curioso* dedicado ao padre Guilherme Pompeu de Almeida em 1710; o padre Manoel da Fonseca, da sociedade denominada de Jesus da Provincia do Brasil na vida que imprimiu do padre Belchior de Pontes, escreve tambem esta guerra dos Paulistas, ainda que com alguma desaffeição a elles; podendo convencer-me do contrario das suas proposições o termo que se lavrou na camara de S. Paulo em 22 de agosto do anno de 1709, pelo qual se obrigaram os Paulistas a marchar com o seu exercito ao fim de segurar-se o real quinto nas Minas, e se submeterem á paz e obediencia os vassallos de Portugal, que nellas se achavam postos em rebeldia; desta resolução deram algumas provas, como foi não offenderem a alguns que encontraram de volta para a cidade do Rio de Janeiro no porto de Paraty, e igualmente castigaram em caminho a um escravo, que havia roubado um filho de Portugal, e lhe mandaram restituir o fructo: de tudo faz menção o padre Fonseca; e o termo, de que se trata, se acha registrado nos livros das vereanças tt.º 1701 pag. 129, 130, 136.

Em contractos sinistros este um grosso  
Cabedal ajuntára, tendo a idéa  
De vender por estanco, o que franqueia  
O liberal despejo dos paisanos.  
Meditando traições, tecendo enganos,  
Firmado no character o respeito,  
Apparecia o indigno ; e tendo feito  
Já parciaes de seu animo alguns poucos,  
Assim lhes falla: ó Europeus, que loucos  
A's portas esperaes vossa ruina ;  
Credes que esta nação è de vós digna  
Assim vos vejo estar com gesto manso,  
Quando a desconcertar vosso descanso,  
Corre armado furor de um braço forte ?  
Desconheceis acaso que outra sorte,  
Outra fortuna vos espera, vindo  
Tão proximo Albuquerque, a quem seguindo  
Vem o infame tumulto dos Paulistas,  
Que aspiram senhorear estas conquistas ?  
Já vos não lembra o meditado empenho  
De evitar as justiças, (40) e o despenho  
Patrocinar dos novos attentados  
No refugio, aos paizes retirados,  
Que domina o Hespanhol ? tanto a fortuna  
Abandonaes na proxima opportuna  
De nos enchermos dos preciosos fructos,  
Que guarda a terra, e dos reaes tributos

---

(40) *De evitar as justiças.* Haviam consultado os rebeldes que por oito ou nove annos desfructassem as Minas, não consentindo governadores e justiças nellas, e sustentando-se como uma republica a seu arbitrio e que ao depois se não alcançassem o perdão de el-rei, se passariam facilmente para as Indias de Hespanha : nisto votavam com maior efflicacia os desertores da praça Colonia, de que habitava um grande numero nas Minas, sendo seu principa<sup>l</sup> chefe Antonio Francisco, que Manoel Nunes Vianna havia nomeado mestre de Campo, logo que arrogou o governo : fôra o dito Antonio Francisco soldado na companhia de Manoel de Souza, que acompanhou ao heróe na sua entrada com o posto de capitão da guarda ; ao seu conselho se deveu a redução do dito vassallo no encontro, que com elle teve no sitio chamado Venda Nova, distante quatro leguas de Villa-Rica.

Fugir á imposição ? credes que venha  
A outra cousa, e outro projecto tenha  
Mais, que roubar-nos as fazendas nossas,  
Ganhadas a tal preço, que inda as grossas  
Correntes desses rios se estão vendo  
Turvas de sangue ? O impeto tremendo  
Não trazeis em memoria dos tyrannos,  
Que fundados no timbre de paisanos,  
Mais escravos, que amigos nos queriam ?  
Não vos lembra, quem foi, quem é Pedroso ? (41)  
Ignoraes, que, no cerco duvidoso  
Perto estivemos de perder as vidas,  
Si por meio de Antunes conseguidas  
Não fossem por então nossas idéas ?  
Ignoraes, que as montanhas estão cheias  
Destes perturbadores, desde quando  
Arbitraria e phantastica (42) ordem dando  
Em o nome do rei, os compellimos

---

(41) *Pedroso*. Jeronymo Pedrozo e Valentim Pedrozo irmãos e naturaes da villa de S. Paulo, foram estes os primeiros, que deram principio ao levantamento no arraial do Caeté, hoje Villa-Nova da Rainha.

(42) *Arbitraria e phantastica*. Por conselho de um dos ditos religiosos se fingiram ordens régias para se recolherem todas as armas dos Paulistas a um armazem publico, a pretexto de necessidade commum que figuravam; reputando-se rebelde todo aquelle, que repugnasse obedecer: tomadas as armas, foram presos dous Paulistas, os mais poderosos e de quem mais se deveria temer, que foram Domingos da Silva Rodrigues e Bartholomeu Bueno Feio. Com as prisões destes se intimidaram os outros e brevemente se derramou por todos a noticia, ou falsa, ou verdadeira, de um massacre, que lhes estava fulminado para certo dia, com ordens repartidas em segredo aos cabos de cada um dos districtos: fugiram e desertaram a maior parte dos Paulistas; e em consequencia aconteceu o horrivel caso de Bento do Amaral Coutinho, que sorprendeu no Rio das Mortes, no capão ainda chamado da traição, a um troço de Paulistas, que se haviam retirado para S. Paulo, de que era cabo Gabriel de Goes, o qual havia servido a el-rei na conquista dos Palmares e occupava o posto de capitão de infantaria na praça da Bahia. Jurou pela Santissima Trindadeo pessimo Amaral deixar sahir em paz os sitiados, contanto que largassem as armas: mediou neste concerto um Paulista velho por nome João Antunes, parente do cabo Gabriel de Góes: sinceridade dos Paulistas os capacitou a entregarem as armas, e para logo sem algum respeito, ou excepção foram todos mortos e roubados por Amara e seus sequazes.

A largar-nos armas, com que os vimos ?  
Si do auxilio do grande se aproveitam,  
Si a sua fé, si o seu favor acceitam,  
(Como é crível que o façam) que destino  
Tão triste para nós ! Eu imagino  
Que não sois Europeus : a vossa gloria  
Acabou de uma vez para a memoria.  
Virá, eu vejo, o Montanhez tyranno.  
Roubará nossos bens, irá ufano  
Contar aos nacionaes seu vencimento ;  
Albuquerque, eu o vejo, em nobre augmento  
Fará brilhar a Luza Monarchia;  
Nós lhe daremos nova gloria um dia.  
Eia, Europeus briosos, eia amigos  
Vejam-se os dias respirar antigos.  
Torne, torne de nós a ser lembrada  
De Dom Fernando a fresca retirada ;  
Venha em memoria de Rodrigo o caso ;  
E ou em falsa traição, ou campo raso  
Ataque-se Albuquerque, fuja, e leve  
De uma vez ; pois que a tanto hoje se atreve.  
O desengano da ousadia sua.  
Calou (43) o religioso : continúa

---

(43) *Calou*. Por que se não escandalise a piedade de alguns ouvidos, que se produzam nesta acção por chefes dos tumultos, e das rebeldias dous religiosos e principalmente um que mais se autoriza entre os sediciosos, lembra o autor neste logar a passagem de *Voltaire* na sua *Henriada* Cant. 5.

*Mais souvent avec des talénts flatteurs  
Repandus dans le siècle ils en ont pris les moeurs.  
Leur sourde ambition n'ignore point les brigues,  
Souvent plus d'un payz s'est plaini de leurs intrigues ;  
Ainsi chez les humains par un abus fatal  
Le bien le plus parfait est la source du mal.*

Quanto estes regulares fossem perniciosos na primeira povoação das Minas, o provam bem as cartas do exm. Conde de Assumar D. Pedro de Almeida; chegava este governador ao Rio de Janeiro com o destino de tomar a posse na cidade de S. Paulo, e conformando-se com as ordens de el-rei, de que vinha encarregado, consultou logo (e foi este o primeiro passo do seu governo) ao exm. bispo D. Francisco de S. Jeronymo sobre os meios mais conveni-

A propagar o socio o impio partido,  
Que de accôrdo commum tem concebido.  
Derrama-se o veneno e vae chegando  
Aos corações de muitos, avivando  
As imagens da antiga rebeldia.  
Já um numero grande concilia  
O padre de atrevidos, são dispostos  
A disputar a entrada, ao heróe oppostos.  
Si querem sustentar na liberdade,  
Francisco, o vil Francisco os persuade

entes para desinfectar as Minas daquelles homens, allegando ser assim necessario. —

*Por constar ao mesmo senhor (são palavras formaes da carta escripta em 2 de julho de 1717) que os ditos religiosos, esquecidos da sua obrigação e do seu estado, e só lembrados dos meios, com que pôdem adiantar as suas conveniencias, não reparam em fazer venaes os Sacramentos, usando indecorosamente da administração delles mais para grangear interesses, que para edificação de catholicos, não sem grande escandalo da Christandade.*

E acrescenta :

*Não faltando estes tambem á suggerir e dizer publicamente nos palpitos, que os vassallos de S. Magestade não tem obrigação de contribuirhe com os direitos e mais despezas, que devem pagar-lhe.*

Procura satisfazer o exm. prelado á esta consulta, e responde :

*Que elle tem procedido contra os regulares assistentes nas Minas com excomunhões, de que elles não fizeram caso, dizendo} que o bispo não era seu juiz competente, e que por consequenaiia não podiam observar-lhes as censuras fulminadas por elle.*

Passa logo a aconselhar ao exm. Conde, para que prova sobre os mais escandalosos ; mas elle replica nestas palavras :

*Como esta differença só se devia entender com os mal procedidos, difficullosa empreza será distinguir nas Minas uns dos outros ; porque por qualquer lado estão todos com mau procedimento ; pois si algum ha, que viva com menos escandalo, e se não engolfe em tractos illicitos e profanos, poucos são, os que não vivem mui alheios do seu instituto e em tratos e commercios indignos do seu character, e eu tenho para mim, não ha frade, que venha ás Minas, que não seja para usar da liberdade, que nos seus conventos tem supprimida.*

Tudo se lê com individuação no livro n. 7 das cartas e ordens do dito governador, que se guarda na secretaria do governo das Minas Geraes nas cartas datadas no Rio de Janeiro, e villa do Carmo a 2 de julho de 1717 pagina 1.ª a de 9 de julho de 1777 pag. 4.ª e a de 16 de maio de 1720 pag. 232.

A viverem seguros nos protestos  
Firmados com Vianna : de funestos  
Agouros ao Paulista se enche tudo.

Eis do sulfureo pó, do ferro agudo  
Se buscam munições : a arte, o engenho,  
(Qual o paiz permite) o desempenho  
Se propõem da victoria nos tostados  
Pâus, de que os duros Cafres vem armados;  
Embosçadas ao longe se preparam ;  
Tomam-se os sitios, fortes se declaram  
Contra Albuquerque os insolentes peitos.

Houveram de lograr-se estes effeitos ;  
Mas o genio, que guarda as patrias Minas,  
E a seus descobridores de benignas  
Influencias enchera, percebendo  
A crua idéa do attentado horrendo,  
Do mais fundo de um monte a estancia bruta  
Buscára ; alli se acolhe, e em uma gruta  
Da cavernosa lapa anima o gesto  
De um Indio já cançado (44) inutil resto  
Dos annos, que contára a mocidade.  
Barba, e cabeça lhe branqueja a idade  
Dos fundos olhos inda mal se via  
O fogo scintillar, em que nutria  
Um espirito vivo e penetrante :  
De leito serve a pedra, e tem diante  
De si os seccos ramos, onde accende  
A pequena fogueira ; a ella estende  
As mãos mirradas, o calor buscando.

De uma clara corrente, que manando  
Vinha do centro do penhasco, o curso  
Segue Albuquerque, entregue o seu discurso,  
Separado dos mais a idéas varias ;  
Entrava ; e suspendido entre as contrarias

---

(44) *De um Indio já cançado.* Retrato natural dos indios do paiz na sua crecida idade.



Imagens, que o combatem, de repente  
Punha os olhos no Indio. e no accidente  
Do inesperado encontro está pasmado.

Caminhante, que dorme descuidado  
Tanto não se enche de terror e medo,  
Quando abre os olhos, e vizinho e quedo  
Vê desde longe o tigre, a onça brava,  
Que da brenha sahia, e attento a olhava.

Cuida ver uma fera o heróe; ousado  
Aponta o ferreo cano, e já dobrado  
Houvera a mola, si de riso o velho  
A bocca não enchêra; ao seu conselho,  
A's suas vozes Albuquerque chega,  
E todo ao pasmo e á admiração se entrega.

Eu vos conheço, ó Europeus, conheço,  
(Dizia o Genio) o generoso apreço,  
Que de vós faz o mundo; em vão dos annos  
Não conto os largos e crescidos damnos.

Confunde-se a razão; pede-lhe, conte,  
Quem é? Que faz? Eu sou, diz Filoponte,  
O primeiro que entrêi estas montanhas  
Com o famoso Arzão; elle ás estranhas  
Regiões se passou, eu só deixado,  
E ao commercio dos homens já negado  
Vivo neste retiro: a minha vida,  
Fortuna e mal, historia é tão crescida,  
Que só pôde cançar-te a minha historia,  
Mas, pois a sorte com feliz victoria  
Te conduziu té aqui chegando a ver-me,  
Sabe quem sou, e aspira conhecer-me.

Assim dizendo, com a mão feria  
O penedo de um lado, e já se via  
Aberta uma estructura transparente  
De crystallinos vidros, tão luzente,

Que aos olhos retratava um firmamento  
De estrellas esmaltado, e o nascimento  
Do roxo sol, quando no mar desperta ;  
Em cada vidro a um tempo descoberta,  
Uma imagem se vê, que os riscos formam,  
Estas em outros vultos se transformam  
E a scena portentosa a cada instante  
Se muda e se converte : está deante (45)  
Uma extensão larguissima de montes,  
Que cortam varios rios, lagos, fontes ;  
Densos mattos a cobrem ; vêm-se as serras  
De escabrosos rochedos, novas guerras  
Tentar, buscando os céus, como tentára  
Briarêo, quando aos Deuses escalára.

Logo uns homens (46) se vêm, que vão rompendo  
Com intrepida força o matto horrendo,  
Nús os braços e os pés, mal soccorridos  
Do necessario á vida, estão mettidos  
Por entre as feras, e o gentio adusto :  
Cada um de si só, perdido o susto,  
Se embosca ao centro dos sertões, se entranha  
Já pelo serro, já pela montanha ;  
Uma e outra distancia gira em roda,  
E deixa descoberta a extensão toda.

Passa este quadro, (47) e logo outra pintura  
Nova imagem propõem, nova figura,  
Que retrata uns mortaes de negras côres,  
Regando o afflicto rosto de suores  
A' força das fadigas, com que cavam  
As brutas serras, e nos rios lavam  
As porções extrahidas, separando  
As pedras do metal, que andam buscando.

(45) *Está diante.* Continente das Minas.

(46) *Logo uns homens.* Conquistadores dos sertões.

(47) *Passa este quadro.* Laboriação das Minas por Indios e negros.



Eis que outros homens de semblantes feros  
Contra os conquistadores já severos  
Os fazem despejar desde os seus lares ;  
Disperso o sangue, (48) se recolhe em mares;  
Familia e armas, cabedaes e tudo  
Cede aos avaros, que do ferro agudo  
Fazem despojo á fugitiva gente.

Ao som da caixa o vidro transparente  
Retrata logo em monstruoso vulto  
Correndo á redea solta (49) a todo insulto  
Confusa multidão, que se prepara  
Arrogar-se o governo e empr'ende a vara  
Sustentar com seu sangue o roubo indigno.  
De um chefe os rege o coração maligno,  
Bem que se justifique na apparencia (50)

(48) *Disperso o sangue.* Expulsão dos Paulistas pelos annos de 1709 para 1710.

(49) *Correndo á redea solta.* Confusão e desordem, em que ficaram as Minas sem governador e justiças postas por El-Rei.

(50) *Bem que se justifique na apparencia.* Para clareza deste verso se faz necessario ao auctor repetir aqui, ou transcrever as clausulas de uma carta do Conde D. Pedro de Almeida escripta no Rio de Janeiro ao Marquez de Anjêja, seu tio, e vice-rei do estado, datada em 6 de julho de 1717 ibi :

*No tempo de D. Fernando Martins de Mascarenhas, (fallava de Manoel Nunes Vianna) elle foi aquelle, que os povos seduzidos por elle com notoria rebellião o levantaram por governador, resistindo ao dito D. Fernando contra as ordens de S. Magestade, affectando o seu maior serviço.*

Esta carta se acha registrada no dito livro n. 7 pag. 8, e para confirmação de tudo, o que a respeito se pode entender da conducta deste homem, e de quanto elle se pretendia fazer necessario ao rei subsistindo no governo, que arrogara a si, bastará ver-se a real ordem de 30 de maio de 1711 que manda restituir aos Paulistas as Minas, e que se lhes entreguem suas fazendas a lavras ; fazendo o mesmo senhor avisar aos camaristas de S. Paulo desta sua real ordem por carta de 6 de setembro de 1711, e já na ordem de 22 de agosto de 1709 mandara S. Magestade perdão aos *Buabas*, excepto aos dous cabeças do levantamento Manoel Nunes Vianna e Bento do Amaral Coutinho, aos quaes pretendia castigar, ordenando, que a esse fim, se entendesse ser necessario algum soccorro das tropas, o pedisse o general ao presidio da Bahia: tudo se pôde ver nos registros da camara de S. Paulo no livro, que delles serve no tit. 1708 pag. 95 ; onde se acha a carta do governador Antonio de Al-

De um influxo de zelo e de prudencia.  
Desde o cume de um monte está voltando  
As costas um guerreiro, que do mando  
A insignia traz na mão ; segue seus passos  
O resto desses miseros, que aos laços  
Dos impios escapára ; tem a morte  
Presente aos olhos ; e na dubia sorte  
Escolhe de outras forças redobrar-se,  
Té que chegue occasião de vindicar-se  
O respeito, que em vão aos maus intima.

Passavam outros vultos, quando em cima  
De um sóberbo cavallo vem montado  
O mesmo heróe ; o heróe que está pasmado  
De se ver a sí proprio : ao longe um pico  
Desde uma serra o convidava ao rico  
Paiz, que assombra o barbaro Itamonte  
Co'a robusta presença : tem defronte  
O demandado rio, que já vira,  
E notára em seu sonho : então se admira  
Inda mais Albuquerque, e crê que a idéa  
Em um fingido objecto se recreia,  
Figurando por força do costume  
O rio e a serra, que encontrar presume.

Alegre se encantára nesta vista,  
Mas notou (triste horror !) que da conquista  
Embaraçava a entrada o vil partido  
Dos conjurados chefes ; produzido  
O exemplo do retiro de Fernando.  
Tanto se atreve o insolente bando !

Encheu-se de tristeza, e o genio activo,

---

buquerque, que poz totalmente em soego aos Paulistas, quando preparavam as forças para tornar sobre as Minas, datada no Rio de Janeiro em 26 de fevereiro de 1710. Então foi que o dito governador em nome de el-rei offer. tou aos Paulistas um retrato do mesmo senhor significando, que por aquelle modo os visitava e lhes vinha segurar a sua protecção. A noticia destas ordens e cartas não chegou individualmente ao escriptor Sebastião de Pita Rocha, aliás não escrevera tão dissonante da verdade. O padre Manoel da Fonseca, já citado em outra parte, tocou ainda que affectadamente, esse passo no cap. 33 pag. 219 da vida do padre Belchior de Pontes.

Que attende a protegê-lo, logo um vivo  
Esforço communica ao nobre peito.  
Antes que em fumo ou ar võe desfeito  
De tanta idéa o quadro portentoso ;  
Quer declarar em tudo o mysterioso  
Theatro das imagens : vós agora  
Influi-me uma voz alta e sonora,  
Nymphas do patrio rio, com que eu possa  
Cantar na gloria minha a gloria vossa.

---

## CANTO SEXTO

Na diaphana machina presente  
(Diz Philoponte) todo o continente  
Vês, Albuquerque das buscadas Minas.  
São estas, são as regiões benignas,  
Onde nutre a perpetua primavera  
As verdes folhas, que abrasar pudera  
Em outros climas o chuvoso inverno.  
Dos mesmos Deuses o poder eterno  
Não se atrevera a combater os montes,  
E as serras, que em distintos horisontes  
Murando vão pelos remotos lados  
Mares e lagos, com que ao sul marcados  
Seus limites estão: a fôrma, o nome  
Variam serra e rio, e sem que tome  
Firmeza alguma o prolongado vulto,  
Sempre o principio te ha de ser occulto,  
Quando chegues ao fim do rio ou serra.

Levados de fervor, que o peito encerra  
Vês os Paulistas, animosa gente,  
Que ao Rei procuram do metal luzente  
Co'as proprias mãos enriquecer o erario.

Arzão é este, é este o temerario,  
Que da Casca os sertões tentou primeiro :  
Vê qual despreza o nobre aventureiro,  
Os laços e as traições, que lhe prepara  
Do cruento gentio a fome avára.

A exemplo de um contempla iguaes a todos,  
E distinctos ao rei por varios modos  
Vê os Pires, Camargos e Pedrosos,  
Alverangas, Godões, Cabraes, Cardosos,  
Lemos, Toledos, Paes, Guerras, Furtados,  
E os outros, que primeiro assignalados  
Se fizeram no arrojado das conquistas,  
O' grandes sempre, ó immortaes Paulistas !  
Embora vós, nymphas do Tejo, embora  
Cante do Luzitano a voz sonora  
Os claros feitos do seu grande Gama ;  
Dos meus Paulistas honrarei a fama.  
Elles a fome e sede vão soffrendo,  
Rotos e nús os corpos vem trazendo,  
Na enfermidade a cura lhes fallece,  
E a miseria por tudo se conhece ;  
Em seu zelo outro espirito não obra  
Mais que o amor do seu rei: isto lhes sobra  
Abertas as montanhas, rota a serra,  
Vê converter-se em ouro a patria terra,  
O Ethiope co's Indios misturado  
Eis obedece ao provido mandado  
Dos bons conquistadores : desde o fundo  
De ouro e diamantes o paiz fecundo  
Produz as grandes, avultadas sommas.  
Tu por empreza, nobre engenho, toma  
Fabricar inda o espherico instrumento, (51)  
Que o trabalho fará menos violento.

---

(51) Na era de 1711 se viu praticado o invento da ródá por um clérigo, vulgarmente chamado o *Bonina suave*. Todo este canto se deve entender pelo que fica escripto no fundamento historico, e pelas notas, de que se illustra o canto 5.º

Já dos rebeldes o esquadrão ferino  
Se conjura a fazer o roubo indigno ;  
Tomando outro partido esses, que devem  
Respeitar um só rei : ímpios se atrevem  
A lançar desde os lares, que tem feito  
Os miseros vassallos : o preceito  
Intimado na voz do rei lhes tira  
As armas, um, e outro se conspira,  
E em varios choques, em ataques varios  
Ou morrem já, ou buscam solitarios,  
E fugitivos o seu patrio berço.

Ide, infelices ; o animo perverso  
Cessará uma vez de maltratar-vos :  
O rei sabe punil-os, sabe dar-vos  
Justa satisfação, justa vingança.  
Sobre elles vem Fernando; mas o alcança  
Inda o furor da levantada gente ;  
Volta a munir-se o capitão valente,  
E a vosso beneficio já protesta,  
Fará cahir ao chão mais de uma testa.

Já dos parentes, dos amigos vossos  
Se vão juntando e vem correndo os grossos  
Esquadrões, que pretendem desde a serra  
Fazer aos ímpios a sanguinea guerra ;  
Mas tu succedes, Albuquerque invicto,  
No bastão a Fernando ; o rei prescripto  
As ordens te tem já, por que temperes  
O orgulhoso furor : não consideres  
Tão segura porém a tua entrada :  
A vil conspiração mal apagada  
Inda ao longe te forja e te fulmina  
Nos levantados chefes a ruína,

Tens ao teu lado a provida influencia  
Do patrio genio ; contra uma violencia  
Outras suscitarei, lá desde o seio  
Das mesmas Minas, um incendio atejo



Nos illustres Pereiras : estes passam  
A disputar c'os outros e se enlaçam  
Em vingar os domesticos insultos.  
Vós e os mais vossos passareis occultos,  
E disfarçados aos districtos, onde  
Dos rebeldes o numero se esconde  
Lá comvosco estarei, e... prosequia,  
Mas de uma e outra parte concorria  
Buscando o heróe a comitiva, crendo  
Que aos mattos se entranhára e que perdendo  
Talvez o rumo duvidoso errava.  
Faria já com elles se ajuntava,  
E Garcia, que o rosto traz magoado  
Do successo infeliz, que tem notado,

Tudo desaparece neste instante  
Ao assombro da nuvem, que deante  
Da penha condensára, o genio astuto.  
Um chuveiro cerrado desde o bruto  
Cume da rocha se extendia, e nada  
Mais que a sombra na lobrega morada  
Se deixa perceber por tudo quanto  
Detivera ao heróe no estranho encanto.

Ao passo que se assusta e se entristece  
Das imagens, que vira, restabelece  
O espirito no amparo promettido  
Do genio, em quem contempla introduzido  
O influxo de alguma alta intelligencia,  
Que se encobre dos homens na apparencia.

Alegre sahe da nuvem, que desata  
E no arcano mais intímô recata  
O que ouve e vê, notando os companheiros,  
— Que é isto, diz, chegastes mui ligeiros,  
Vós, padre, e vós, Garcia? a vossa empreza  
Talvez se conseguiu com mais presteza,  
Do que eu tinha esperado : em doce laço,  
Dizei, já vive Aurora ? vive Argasso ?

Ah ! senhor, diz Fialho, (que Garcia  
Os olhos rasos d'agua mal podia  
Fallar, e quasi absorto o heróe saúda),  
O caso é tão funesto, que na muda  
Magua só póde cabalmente ouvir-se.

Sahimos ha seis dias ; descobrir-se  
A aldêa pouco já se começava :  
Aos acenos de Argasso festejava  
O Monaxós alegre a nossa vinda ;  
Não tardou de saber a féra Eulinda  
Rival de Aurora, o firme pensamento  
Do meditado Santo Sacramento ;  
Conspirou em seu damno, e de ira cheia  
A cóva foi buscar de Therifêa :  
Esta a superstição teve por nome :  
Innocentes meninos traga, e come :

Dous arrancados dos maternos peitos  
Lhe leva a crua indiana ; ella desfeitos  
Os tem já entre as presas aguçadas ;  
Eu vi (52) (contou algum) que suffocadas  
As cans estavam de seu sangue, e quentes  
Brotavam de entre os beiços as correntes.  
Do destroço fatal contente a velha  
Nas victimas, que Eulinda lhe apparelha  
A dar-lhe ajuda alegre se convida.

A instancias de Garcia está rendida  
Em breve instante Aurora ; nem se assusta  
Ao proposto hymeneu, e crê que é justa  
A persuasão, ao ver, que a faz Garcia.  
Do antigo amor de todo se esquecia  
Um e outro ; e a virtude só pretendem  
Acreditar no estimulo, que accendem  
Dentro em seus corações, de propagada  
Vêr uma vez a religião amada.

---

(52) *Eu vi. Vidi egomet duo de numero cum corpore nostro et*  
Virg. Æneid.

Ao Índio instrúo nos mysterios santos  
Da orthodoxa doutrina ; e longe encantos,  
Superstições e magicas, já creio,  
Que tenho descoberto nelle um meio  
De derramar por entre os mais a cura  
Da radicada antiga desventura.

Contentes andam todos pela aldeia,  
Festejando o consorcio, qual passeia,  
Calçados pés e mãos de varias plumas,  
Qual faz soar o apito, (nem presumas (53)  
Que se ignora da musica o concerto  
Entre os crus Monaxós) já vinha perto  
O dia ao caro laço destinado ;  
O cacique do amor estimulado,  
Que tem pelos seus hospedes, destina,  
Que divididos vão pela collina,  
E que desçam ao valle, os que destreza  
Têm no dardo, e na flexa ; encher a mesa  
Intenta com a caça, que sepulta  
Nos seus seios a gruta mais occulta,  
Brindar quer os mais Indios deste modo,  
Convida desde já ao povo todo.

Elle proprio á fadiga não se nega,  
Arremessa-se ao matto, Aurora pega  
No seu arco tambem ; todos se atiram  
Ao fundo espesso, e pelas brenhas giram.

Theriféa a occasião julga opportuna,  
Poem os olhos no Céu, alta columna  
Levanta, e firma em terra ; já sobre ella  
Se ergue e murmura e nota cada estrella  
Com o dedo, depois desce e riscando  
Muitas vezes em roda, vae tocando

---

(53) *Nem presumas*. Os Indios da costa do Brasil, ainda que barbaros, não desconhecem a musica, e a dança: estas singularidades foram mais bem notadas nos da nova Hespanha, como nota Juan. de Torquemada Monarch. Indianna tt.º 13 cap. 26 et seqq. tom. 2.º, e outros.

A columna, que treme e que se move :  
Tolda-se em sombra o ar, troveja e chove :  
E o tronco de entre a nuvem que o cobrira,  
Sahe figurando um tigre, que respira  
Fogo e veneno pelos olhos ; passa  
Com elle ao monte, e o guia onde a caça  
Se tenta e busca : aqui dormia Aurora ;  
Dormia ; e junto aos pés branda e sonora  
Fontezinha o repouso convidava ;  
O peito em grande parte debruçava  
Sobre uma penha, e ao gesto brando e lindo  
De encosto o molle braço está servindo.  
Chega a Maga cruel, põe-lhe diante  
A féra, que conduz, e ao mesmo instante  
Se occulta em parte, onde o successo veja:  
O cuidado de a ver, ou fosse a inveja  
A'quelle sitio encaminhava os passos  
Do destemido Argasso ; entre embaraços  
De mal distinctos ramos já descobre  
O mosqueado tigre, ao braço nobre  
O crê despojo, e de matal-o espera,  
Firme o pé desde longe aponta a fera,  
E atraz puxando o braço a setta envia,  
Que vae cravar no monstro a ponta fria.

Corre gritando, ó Céus, e vê passado  
De Aurora o peito ; em vão busca assombrado  
O tigre, que não ha : já desfallece  
A pouco, a pouco a bella : a magua cresce  
No misero homicida, clama e grita,  
Atroa os Céus, e contra os Céus se irrita,  
Nem mais a vida, que estimara, preza ;  
Arroja o arco, e á infeliz belleza  
Consagra de seu corpo o ultimo resto.  
Amor, disse, cruel, pois que funesto  
Foi o fim de um principio tão ditoso  
Pois que cortaste o vinculo gostoso,  
Que a dita, a mesma dita ia tecendo,

Bem que o innocente impulso inda estou vendo,  
Que animou este braço ; acabe o peito,  
Onde elle se forjou ; rôto e desfeito,  
O véo, que cerca esta alma, ella se aparte.  
Indianna adorada, ou á pagar-te  
Com seu eterno pranto a dura offensa,  
Ou á pôr de teus olhos na presença,  
A magua emfim de um erro involuntario.  
Disse ; e trepando a penha, ao chão contrario  
Desesperado já se precipita.

Theriféa de longe aos Indios grita,  
E alegre da victoria deixa o monte ;  
Não ha, quem visse, ou quem a historia conte :  
Mas da homicida barbara informada  
Já torna Eulinda ; furiosa brada  
A' aldêa, por vingar tanta maldade,  
Sobre nós faz cahir a atrocidade  
Do delicto, e abrasando a aldêa inteira  
De occulta chamma, que ateou ligeira,  
Ministros nos faz crer deste attentado:  
A fuga nos salvou, nem avisado  
Serias de um tão tragico successo  
Si de Argasso um rival, que a tanto preço  
A Eulinda amava, então não descobrira  
Tudo o que a Eulinda e a Theriféa ouvira,

Calou Fialho : em vão susteve o pranto  
Albuquerque ; e notando que o quebranto  
De Garcia a rendel-o se avançava,  
Consolando seu mal, assim fallava :  
Jámais se viu segura uma alegria,  
Nem estavel jamais pôde algum dia  
Sustentar-se a fortuna de um ditoso :  
Espere sempre o inverno procelloso  
Aquelle, por quem passa a primavera ;  
Amor, que em brandas almas só podera  
Empregar toda a força de seus tiros,

Fará, que troque as glorias em suspiros,  
Aquelle, que em vão crêra aos desenganos ;  
O' vós, felices, vós, que os doces annos  
Entregaes á virtude, eu vos agouro  
O sempre immarcessivel fresco louro,  
Que vos ha de levar na longa idade  
Muito além da cançada humanidade.

---



## CANTO SETIMO (54)

A Madre de Memnon dourava a terra,  
E já se descobria uma alta serra  
Com tres dias de marcha ; de Itamonte  
O carregado aspecto está defronte ;  
Não repugna do heróe á nobre<sup>a</sup> entrada,  
Mas tem presente ainda a retirada  
De Fernando ; inda vê de sangue tinto  
O campo ; e nota o odio mal extinto  
Dos infames rebeldes, conjurados.

Embaraçar pretende os apressados  
Passos, que vêm trazendo, e quer primeiro  
C'o a vista de um obsequio lisongeiro  
Demorar a Garcia : teve o indulto  
Este vassalo de avançar-se occulto,  
E entrar na povoação, notando o estado  
Da levantada gente : era chegado  
A' margem de um ribeiro ; e os olhos tendo  
Mal enchutos ainda, se está vendo  
Na prisão insensível de um encanto,  
Que emfim lhe acaba de pôr termo ao pranto.

---

(54) Todo este canto allude á fabula do Ribeirão do Carmo, de que se faz menção no 1.º canto e se encontram alguns versos della.



Uma voz se lhe finge, que feria  
Os ares docemente ; e assim dizia :  
Saudoso ribeirão, mancebo infauſto,  
Si já perdida a pompa, a gloria, o fauſto,  
Em pequena corrente convertido  
Vás regando este valle : o teu gemido  
Não accuse de Eulinda o brando peito ;  
Talvez amor tyranno a teu respeito  
Quiz que eu fosse cruel, e, involuntario  
Seguiu meu pensamento esse contrario  
Influxo das estrellas ; eu te amava,  
E dentro da minha alma protestava  
Não render o trophéo desta belleza  
Mais, que aos suspiros teus, e á chamma acceza  
De amor, que nos teus olhos percebia.  
Apollo, o ingrato Apollo é que devia  
Ser contigo mais brando e mais propicio.  
A culpa é só de Apollo ; o sacrificio,  
O voto, que elle fez ao Deus tyranno,  
Tudo emfim se ajuntou para o teu damno.

Talvez não conhecia eu, desgraçada,  
Que eras tu, o que então com mão armada  
Me estavas d'esperar lá perto a fonte.  
Este aleivoso Deus, para que conte  
Da minha historia a triste desventura,  
Depois que preza a minha formosura  
Entre a nuvem levára enganadora,  
Faltando á toda a fé, me ordena agora,  
Que eu torne ao patrio berço, convertida  
Em Nympha destas aguas, passe a vida  
Entregue sempre á miseros lamentos.  
Oh! e quem cré de um Deus nos juramentos ?  
Aqui o teu sussurro estou ouvindo,  
E nelle a tua queixa inda sentindo,  
Quando escapada aos amorosos lacos,  
Dizer-te escuto: *Onde a meus ternos braços,*

*Onde te escondes, onde, amada Eulina,  
Que tanto estrago contra mim fulmina ?*

Aqui teu duro mal percebo e noto,  
Quando do agudo ferro o peito roto  
Dás a cega ambição em cópias de ouro  
O que roubaste, misero thesouro,  
De Itamonte, teu pae, que não sabia,  
Que a seus cançados annos deveria  
Succe<sup>der</sup> um tão funebre desgosto.

Cheio de maguas te estou vendo o rosto,  
Com que accusas o humano atrevimento,  
Quando lhe accordas o furor violento,  
Que faz de Polydoro a desventura,  
O' ambição, ó sêde, ou fome dura !

Ouve Garcia o canto, e não atina  
De onde tanto prodigio, mas de Eulina  
A delicada face está patente :  
Fita os olhos, e vê desde a corrente  
Lançar a mão á praia a Nympha bella,  
Toma uma areia de ouro, e já com ella  
Pulveriza os cabellos : neste instante,  
O sonho de Albuquerque o faz avante  
Passar, os braços abre, a Nympha chamma;  
Ella o vê, e não teme, e já se inflamma  
De amor por elle ; aos braços o convida,  
E abrindo o seio o rio, uma luzida  
Urna de fino marmore os sepulta  
Recebendo-os em si : ficou occulta  
A maravilha a quantos o acompanham ;  
Em busca de Garcia já se entranham  
Pelos mattos mais densos; mas, perdida  
A esperança de achal-o, e recolhida  
Volta ao heróe a esquadra aventureira.

De inadvertido brinco acção grosseira  
Turbára neste tempo a comitiva ;

Querem que entre elles o partido viva  
De Europeus e Paulistas, e já passa  
A desafio em uns o que foi graça.  
Conta-se, que por mofa algum dizia,  
Que seguro em si só não vae Garcia,  
Que só valor Europeu com pouco ou nada  
Disputar do Paulista pôde a espada.  
Leva-se Borba do furor ardente,  
Empunha o ferro, atreve-se valente  
Ao mesmo tempo a rebater Pegado  
O colerico ardor ; vê-se insultado  
No respeito Albuquerque: oh, lá, dizia,  
Os braços suspendei, de rebeldia  
E' este um signal claro ; não se deve  
Tanto despique á offensa, que é tão leve. (55)  
Si ao Paulista de fraco alguém accusa,  
Elle de seus espiritos só usa,  
Quando a honra do empenho ao campo chama.  
Não é valente, não, o que se inflamma  
No criminoso ardor de a cada instante  
Dar provas de soberbo e de arrogante.  
Os Europeus são faceis neste arrojô.

Si justo, imaginaes, foi o despojo  
Das Minas, que lhes tiram ; porque avaros  
Se pretendem mostrar, (bem que são raros  
Os que entre elles se arrastam da cobiça)  
Dizei, não pede a provida justiça,  
Que zele cada um, que guarde e reja  
O que adquire o seu braço, quando a inveja  
Lh'o pretende roubar ? estas conquistas  
A quem mais se deverão, que aos Paulistas?

Mas eu ponho de parte os argumentos,  
Que com substancia egual os fundamentos  
Fazem desta disputa assaz ligeira ;  
Seguiremos a maxima grosseira

---

(55) Esta era a paixão dominante no paiz; e se introduz o heró e á compol-a, pacificando a uns e outros.

Dos espiritos vis, que têm formado  
Nestas Minas um corpo levantado ?  
Acaso um mesmo rei nos não protege ?  
Uma só lei a todos nos não rege ?  
Do tronco Portuguez não é que herdamos  
O sangue, de que as veias animamos ?  
Não faz communs um vassalo as glorias  
Do seu rei ? Do seu reino ?, das victorias,  
Que um ganha, o outro perde, não alcança  
A todos o infortunio, ou a bonaaça ?  
Somos nós dessa estirpe, que brotára  
Do antigo Cadmo a barbara seára,  
Onde uns irmãos com outros pelejando  
O ferro no seu sangue estão banhando ?  
Arbitro entre vós outros me conheço;  
Do Europeu, do Paulista faço apreço ;  
E distinguindo em todos a virtude  
Não espereis, que de projecto mude,  
Não faz a patria o heróe, nascem de aldéas  
Almas insignes, de virtudes cheas ;  
E nem sempre na côrte nobre, e clara  
Ingenua serie, portentosa e rara  
Se vê de corações, que se escandecem  
Pela gloria sómente, e nella crescem.

Dizia ; ao mesmo passo de Pereira  
Um aviso chegava, de onde inteira  
Informação o heróe já recebia  
Da sacrilega ousada rebeldia :  
Sabe, que ao longe os montes estão cheios  
Dos conjurados chefes ; nisto os meios  
Consulta de passar ; e tem presente  
A imagem, que no vidro transparente  
Formara o genio ; de Garcia ousado  
Só quizera partir acompanhado ,  
Por elle chama, e teme, e se entristece  
Ao ver que falta, e apenas apparece  
Quem dê noticia, ou conte a sua ausencia,

Teme que surpr'endido na violencia  
Ficasse dos rebeldes ; resolvido  
Já tem partir sem elle ; do vestido,  
Que traja, militar, e rica banda  
Se despe; humilde capa dos hombros manda,  
E por tudo disfarça o alto respeito,  
Que inculca o aspecto : a todos no conceito  
Segura desta empreza, e lhes ordena  
Que em marcha vagarosa, entre a serena  
Sombra da noite ao longe o vão seguindo ;  
Parte, e encostado á serra vae subindo  
Uma collina, que lhe põe defronte  
O pico, o grande pico de Itamonte.

Chegava o dia ao termo derradeiro,  
E ao valle vem descendo desde o outeiro,  
A sombra carregada ; humilde tenda  
Aqui recolhe o heróe, como pretenda  
O interesse adiantar o seu partido,  
Bem que o genio a seu impeto escondido  
Tinha as idéas, com que o heróe salvava  
Na mesma tenda a um tempo abrigo dava  
O indigno monstro aos chefes levantados.

Todos em um congresso declarados  
Entre si praticando estão na vinda  
De Albuquerque, nem crêm que esteja lainda  
Tão proximo a chegar ; longe o figuram,  
E muitas vezes protestando juram  
De obrigar-o a voltar, a morte certa  
Promettem, si o resiste : descoberta  
A lAlbuquerque se faz deste modo  
A torpe idéa do designio todo.

Recolhem-se a dormir, e se recolhe  
Albuquerque tambem, que não lhe tolhe  
A constancia o temor, cauto pretende  
Aos Pereiras juntar-se, e mais se accende  
No desejo de ver o bom Garcia,  
Que aos irmãos já crê que passaria.

Cheio destes cuidados entregava  
Ao leito os lassos membros, e pensava  
Em vencer da alta noite por diante  
O caminho. Eis o genio vigilante,  
Que o perigo imminente está prevendo,  
Com seus influxos sobre o heróe descendo,  
Da mão o prende, e o guia á um sitio, aonde  
O escuro Caethé (56) de accôrdo esconde  
Um magnifico paço, em que destina  
Que tenha o heróe habitação mais [digna.  
Aqui dos tres Pereiras o esperava  
O nobre ajuntamento, e protestava  
Cada um em seu nome, que faria  
Cahir por terra a infame rebeldia ;  
Que de amigos, patricios e parentes  
Tinha á seu mando promptas, e obedientes  
Muitas esquadras, que traria ao lado.  
Tudo agradece o heróe ; mais tem pensado  
Mover por arte e por industria os povos.

Estamos, disse, em uns paizes novos,  
Onde a policia não tem ainda entrado  
Póde o rigor dexar desconcertado  
O bom preludio desta grande empreza.  
Convém que antes que os meios da aspereza  
Se tente todo o esforço da brandura.  
Não é destro cultor, o que procura  
Decepar aquella arvore, que póde

---

(56) *Caethé* quer dizer *matto-bravo* sem mesela alguma de campo.

Debaixo desta intelligencia se applica o verso de Virg. — *Ulmus opaca ingens etc.*

Pode deduzir-se esta allegoria do conceito, que haviam formado os rebeldes antes da vinda de D. Fernando Martins Mascarenhas, que este governador trazia cargas de correntes e ferros para os punir, noticia, que não póde occultar o escriptor Sebastião de Pitta Rocha, pouco fiel nesta historia por falta de informação pura; ou talvez por affeição a algum dos chefes. Tudo o mais se póde ver no fundamento historico em que fica elucidado este canto.

Sanar, cortando um ramo, si lhe acóde  
Com sabia mão a reparar o damno ;  
Para se radicar do soberano  
O conceito, que pede a auctoridade,  
Necessaria se faz uma egualdade  
De razão e discurso ; quem duvida,  
Que de um cego furor corre impellida  
A fanatica idéa desta gente ?  
Que a todos falta um conductor prudente  
Que os dirija ao acerto ? Quem ignora  
Que um monstruoso corpo se devora  
A si mesmo, e converte em seu estrago  
O que pensa e medita ? ao brando afago  
Talvez venha a ceder : e quando abuse  
Da brandura, e obstinado se recuse  
A render ao meu Rei toda a obediencia,  
Então porei em pratica a violencia ;  
Farei que as armas e o valor contestem  
O barbaro attentado ; e que detestem  
A preço de seu sangue a torpe idéa.  
Disse ; e deixando a todos a alma cheia  
De uma nobre esperanza, já passava  
A saber de Garcia, nem lhe dava  
Noticia d'elle algum dos três Pereiras.

A um fundo rio estavam sobranceiras  
Espessas mattas de arvores copadas ;  
De seus ramos, quaes já foram mostradas  
Ao Troiano, que tenta o reino escuro,  
Em vans imagens pendê o sonho ; um duro  
Tronco escolhera o genio ; alli fizera  
Em uma e outra funebre chimera  
Respirar o terror, forjar-se o susto.  
Dalli manda se espalhe a todo o custo  
Uma e outra illusão ; partem voando  
As fantasticas sombras, vão pintando  
Grilhões, cadeias, carceres, supplicios,  
Degoladas cabeças ; artificios

Nunca inventados de instrumentos varios,  
Que estão ameaçando aos temerarios,  
E rebeldes vassallos a ruina :  
Confundem-se os infames, e destina  
Cada um desde já buscar o meio  
De pôr de parte o crime enorme e feio,  
E acreditar aos pés do heróe, que chega  
A fé, com que ao seu rei se rende e entrega.

---





## CANTO OITAVO

Entretanto quo o Genio se cançava  
Nesta empreza ; o interesse fomentava  
Novas discordias ; e do altar impuro  
Aos susurros de um funebre conjuro  
Subir fazia desde o horrivel centro  
Vorazes furias, e do abysmo dentro  
A guerra atéa, que aos mortaes destroça :  
Tiram bravos leões uma carroça,  
Em cujo assento apparecer se via  
Com vulto horrendo a infame rebeldia ;  
Viboras os cabellos são, que estende  
Sobre a enrugada testa; um Ethna accende  
Em cada olho, e da bocca em cada alento  
O veneno vomita mais violento.

Tem por despojos a seus pés cabidas  
Purpuras rôtas, destroçadas vidas  
De reis, de imperadores ; vem cercada  
Da traição e do engano ; e disfarçada  
Entre estes monstros com fingido rosto  
A hypocrisia tem seu throno posto.

Este idolo cruel, que se autorisa  
Mais entre os outros, por que estraga e pisa  
Com mudo pé dos grandes as moradas ;  
Tendo a seu lado as furias convocadas,  
E entrando em parte já c'o a rebeldia,  
Ao nume do interesse assim dizia :

Sei que vacilla o teu arrojo, e vejo  
Que muito além do natural desejo  
Vão correndo as cançadas diligencias  
Com que até aqui no esforço das violencias,  
Quizemos impedir a triste entrada  
Desse heróe, que nos traz ameaçada  
Toda a ruina de uma longa idéa.  
Si talvez sombra van não lisongeia  
Meus altos pensamentos, eu discorro  
Que a mim me toca só dar o soccorro  
Ao decadente impulso desta empreza :  
Não sei, de que triumpho na certeza  
Eu me prometto um dia a segurança  
De uma eterna, pacifica bonança.  
Se passou Albuquerque, e tem rompi lo  
Ao centro destas Minas, destruido  
Eu verei de uma vez o seu projecto.  
Tomo a meu cargo simular o aspecto  
De uma vendida sujeição, levando  
Na lisonja encoberto o insulto ; e quando  
Elle acredite mais nossa obediencia  
Farei que rôta a mascara, a violencia  
Dentro dos nossos braços o accommetta ;  
Que morra a frio sangue, ou que se metta  
A's brenhas fugitivo, e busque a estrada,  
Que lembra de Fernando a retirada.

Assim fallava a torpe hypocrisia,  
O engano c'o a traição já se lhe unia,  
Approvava o interesse a idéa insana,  
A rebeldia se gloriava ufana ;  
E por todos o alento suscitado,

Se alegam crendo já executado  
Tudo quanto entre os Farias se medita.

Vão buscando os chefes, corre e grita  
A infame esquadra de uma e outra furia,  
Pouco se affligem da passada injuria,  
Cortam desde o seu templo os crespos ventos;  
E ao halito nocivo, aos pestilentos  
Influxos, que derramam, se enche tudo  
De serpentes, de feras, que de agudo  
Veneno tem a fauce inficionada.

Talvez não viste tu, Libia abrasada,  
De monstros mais coberta a tua arêa,  
Quando o neto de Acrisio alli semêa  
O sangue da cabeça, que cortára  
O ferro, de que a Deusa a mão lhe armára.

Mas já, Garcia amante, me convidas  
A descrever as horas entretidas  
Nos braços, a que Eulina te trouxera,  
Dentro da mansa e deleitosa esphera  
Do peregrino rio entrado havia  
O mancebo feliz, e já se via  
Pisando de uma sala o pavimento.  
Por tudo reflectia o luzimento  
Da riqueza, que os tectos esmaltava ;  
Sobre columnas de crystal estava  
Sustentado o edificio ; dellas pendem  
Laminas de ouro, onde seu rosto accendem  
Em vivo resplendor barões egregios ;  
Da fortuna e do tempo os privilegios  
Inculcam dominar, nas mãos sustentam  
As insignias do mando, e representam  
A régia auctoridade : em cada testa  
Reverdece o lourel, que manifesta  
A duração da immarcessivel fama,

Eulina, que Garcia ao lado chama,  
Em um assento de ouro marchetado  
Lhe tem junto a uma mesa preparado  
O brinde da mais rara formosura.  
Cem taças de ouro são, onde procura  
Mostrar-lhe aos olhos, quanto desentranha  
De mais precioso o rio, ou a montanha.

Cerrava um branco véo logo diante  
Uma estancia; rasgou-se, e em breve instante  
Deixou vêr recortado junto a um monte  
O venerando rosto de Itamonte.  
Era de grossos membros a estatura,  
Calva a cabeça, a cor um pouco escura,  
De muitos braços, qual a idade vira  
Tyfeu, que a dura terra produzira.

Quasi a seus pés o corpo debruçando  
Sobre um punhal, estava trespassando  
O peito um gentil moço, da ferida  
Uma fonte brotava, que estendida  
Com as vermelhas aguas rega a arêa.

Eulina, que nas graças não recêa  
Competir c'o a deidade que o mar cria,  
De transparente garça se vestia,  
Toda de flores de oiro matisada :  
A cabeça de pedras tem tocada,  
Deixando retratarem-se as estrellas  
Em seus olhos ; tão ricas, como bellas  
Muitas nnyfas em roda a estão cercando,  
Nas lindas mãos nevadas sustentando  
Os thesouros, que occulta e guarda a terra.  
(Tristes causas do mal, causas da guerra !)  
Nizea em uma taça offerecia  
Um monte de custosa pedraria,  
Em que estão misturados os diamantes,  
Co'as safiras azues, e c'os brilhantes  
Topasios c'os rubis, co'as esmeraldas,

Que servem de esmaltar essas grinaldas,  
De que as ninfas do rio ornão a frente.  
Em outra taça de metal luzente.  
Copioso monte apresentava Loto  
Por extremo formosa ; desde o roto  
Seio do rio o loiro pó juntára ;  
Delle costuma usar Eulina clara  
Para dar novo lustre a seus cabellos :  
Parece que a fadiga dos martellos  
Batera o mesmo pó coalhado ao fogo,  
Pois deixada esta taça e olhando logo  
Para outra, que Licondra na mão tinha,  
Nella de barras mil um monte vinha,  
Em que o divino pó se convertera.

Não tardava a chegar branda, e sincera  
A mimosa Leutippo : esta offertava  
Uma, e outra medalha, que cunhava  
Nas pequenas espheras de ouro fino.  
De varios caracteres peregrino  
Geroglífico alli se vê gravado,  
Onde a letra em tres riscos dividida  
Tinha estampa entre as outras mais luzida,

Do formoso espectaculo no meio  
De jubilos Garcia se vê cheio ;  
As ninfas o entretém, Eulina o prende,  
De Itamonte a grandeza mal entende,  
E do moço que vê rasgando o peito  
Não sabe a historia ; que se o doce effeito  
Provado houvesse do gostoso fructo,  
Que encontrára na Hysperia o Grego astuto,  
De si, dos companheiros se esquecia,  
E transportado em outro ja se via.

Com a voz descansada lhe fallava  
O bom velho Itamonte, e pois que a brava  
E inculta região das patrias Minas  
Tens pisado, ó Garcia, de ti dignas

Sejão tuas acçoens : tu te atreveste  
Primeiro, que outro algum e tu podeste  
Romper os mattos, franquear o passo  
Do não tentado rio, (57) o fado escasso  
Comtigo não será, tendo encoberto  
Por mais tempo o paiz que traz incerto  
O teu grande Albuquerque ; elle procura  
Erguer a capital, aonde a escura  
Sombra de um sonho lhe propoz defronte  
O carregado aspecto de Itamonte.  
Neste sitio elle está ; alli se ajunta  
Com os fortes Pereiras, e pergunta  
Por ti : o patrio genio o tem guiado :  
Deu-lhe a mão, lá o poz, alli prostrado  
Elle vê a seus pés esse, que ha pouco  
Levado de um furor insano e louco  
Embargar pretendera a sua entrada :

Por muitos annos sei, como ignorada  
Foi aos humanos esta serra : agora  
A tem tentado alguns e nella mora  
Um corpo de Europeus, a quem occulto  
Tenho ainda os thesouros, que sepulto.  
Permite o Ceo que sejas o primeiro,  
A quem eu patentêe por inteiro  
Todo o segredo das riquezas minhas,  
Já desde quando no projecto vinhas  
De encontrar as preciosas esmeraldas,  
Eu te esperava deste monte ás faldas.  
O Deos destes thesouros (58) impedia  
Até aqui descobril-os, e fingia

---

(57) *Do não tentado rio.* Este vassallo foi o que abriu a estrada real do Rio de Janeiro para Minas, e poz as passagens dos dous rios *Parahyba* e *Parahybuna*.

(58) *O Deus destes thesouros. Curupira.* Fabula é esta dos gentios celebrada por verdadeira ; presumem que ha nos mattos uma divindade assim chamada, sem licença da qual havendo quem descubra algum thesouro morre ás mãos della ; e esta doutrina lhe pregam os seus paigés, que soa o mesmo, que doutores.

Meu rosto aos homens tão escuro e feio  
Por que infundisse em todos o receio.

E pois que a sorte tens, de que em meus braços  
Elle mesmo te ponha; os ameaços  
Cederão de Itamonte ao teu destino :  
Vê pois, Garcia amado, o peregrino  
Cabedal, que possuo, e que pretendo,  
Cedas ao teu Rei: se aos olhos estais crendo,  
Não é fabula, não, essa grandeza,  
Que tens defronte da preciosa mesa.  
Toda essa terra, que o descuido pisa  
Dentro em meus braços, crê, que se matisa  
Com o loiro metal, geral o fructo  
O nome de Geraes por attributo  
Estas Minas terão : vê os diamantes ;  
Elles vem de outras serras mais distantes,  
Mas tudo corre a encher os meus thesouros,  
Hão de brilhar os seculos vindouros  
Com esta fina pedra ; em abundancia  
Vencerão os que vem de outra distancia,  
E do Indo será menor a gloria,  
Quando vir apagar sua memoria  
Nas terras onde o solo iguala o dia,  
Do meu Jaquitinhonha, (59) aonde fria  
Sobre grossos canaes no alto erguidas  
As correntes do rio e divertidas  
Da margem natural, darão entrada  
A' industriosa mão, que já rasgada  
Uma penha, e mais outra faz que a terra  
Descubra aos homens o valor, que encerra.  
De ti, oh Rei, das tuas mãos só fio  
Romper o seio do empolado rio.

As pedras amarellas e encarnadas,  
De que estão essas taças coroadas,

---

(59) *Jaquitinhonha*. Rio, que atravessa o Serro do Frio, onde está estabelecida a extracção dos diamantes por contracto real pela lei de 11 de agosto de 1758.



Produce o Itatyia, aquelle rio,  
Que vae buscar com placido desvio  
Outro, que de Guará, (60) purpurea ave  
Na lingua patria o nome tem suave :  
E juntando as correntes vae formando  
O grande Rio Doce: do Gualacho  
Nos futuros auspicios talvez acho,  
Que um pequeno ribeiro o nome guarda,  
Nas margens suas de nascer não tarda  
O grosso engenho, que decante um dia  
As memorias da patria, e de Garcia ;  
Que levante Albuquerque sobre a fama,  
Que a villa adorne de triumphante rama ;  
E dos patrios avós louvando a empreza  
Sobre o estrago dos annos deixe accessa  
A memoria de feitos tão gloriosos :  
Crescei para o cercar, loiros formosos.

As safras azues produz a serra  
Do Itambé, tem rubis aquella terra  
Aonde em breves fontes a Juruoca  
Vê o rio (61) nascer ; que as aguas tóca  
Do grosso Paraguay: o Rio Verde  
Daqui nasce tambem, que o nome perde  
Entrando pelo Grande ; estes unidos  
Vão formar com mais outros os crescidos,  
E agigantados passos, que desata  
Pela raia da Hespanha o Rio da Prata.

Das esmeraldas ao precioso erario  
Talvez que não permita o Céu contrario,  
Que outro mais, que teu pae registre as Minas.  
Encubertas serão as pedras finas

---

(60) *De Guará.* Entende-se o rio de Guarapiranga; este, o Gualacho, e outros muitos vão fazer barra ao Rio Doce, e discorrem pelas duas comarcas de *Sabará e Villa Rica.*

(61) *Vê o rio.* Todos os rios, de que aqui se faz menção, discorrem entre a comarca do Rio das Mortes, e raias da capitania de S. Paulo.

Por uma longa idade, e fatigadas  
Serão de balde as serras levantadas  
Do escuro Cuiethé, onde se abriga  
O Botocudo infiel, gente inimiga,  
Gente féra e cruel, que o sangue bebe  
Humano, e encarniçado não concebe  
Zelo algum pela propria natureza.

Todos estes thesouros e a grandeza  
De todas estas pedras determino,  
Que por mão de um benevolo destino  
Vão buscar inda a Luza monarchia.

Desde o seio da terra a ver o dia  
O marmore virá que aos Céus levante  
Edificios soberbos a elegante  
Mão do artifice, a villa edificada  
Fará que sobre as outras respeitada  
De Rica tenha o nome, derivado  
Dos thesouros o epitheto presado.

Aqui chegava, e quasi enfraquecido  
Tinha o vigor da voz, quando advertido  
De Eulina arrebatado pensamento ;  
Com que o grande Garcia olha attento  
Para as imagens, que pendentes via ;  
Com que egualmente os olhos dirigia  
Para o mancebo, que rasgára o peito ;  
Tomando a lyra, e com suave effeito  
Soar fazendo as cordas de ouro fino,  
Em cadencias de um numero divino  
De Itamonte lembrava a grande historia ;  
Contava, que empr'endendo por mais gloria  
Os Deuses conquistar deste hemispherio,  
Deixando o Admator no vasto imperio  
Das ondas lá do Atlantico Oceano ;  
O pacifico mar buscava ufano,  
Que de um raio de Jupiter ferido

Fora em duro penhasco convertido ;  
Que um filho concebera de uma penha,  
Que foi nympha algum dia ; elle se empenha  
Em contrastar de Eulina o peito ingrato ;  
Apollo opposto ao amoroso tracto  
Lh'a rouba, e leva em uma nuvem ; triste  
O mancebo infeliz, já não resiste  
Ao rigor do seu fado ; busea ancioso  
Sobre um punhal o termo lastimoso  
De tanta desventura, de piedade  
Movido o loiro Deus, ou de crueldade  
Em fonte o converteu, e a cór trazendo  
Do sangue, que do peito está vertendo,  
Por castigo maior do fatal erro  
Sobre elle faz bater o duro ferro.  
Assim atado ao Caucasos gelado  
O ventre vê das aves devorado  
Em continuo tormento esse, que intenta  
De Apollo arrebatat com mão violenta  
O raio, que anima a estatua muda,  
Que tanto em fabricar seu damno estuda.

Tudo isto canta a Nympha, e alegre passa  
A dar a linda voz mais bella graça,  
Levando o rosto, e os olhos applicando  
Para as laminas de ouro, e reparando  
Em cada uma, concebe um novo alento ;  
Aqui levanta, e esforça o accorde accento ;  
E como se Itamonte lhe influira  
Do peito do gigante as vozes tira.

---

## CANTO NONO

Materia é de cothurno, e não de socco,  
O que a Nympha cantava ; eu já te invoco,  
Genio do patrio rio ; nem a lyra  
Tenho tão branda já, como se ouvira,  
Quando a Nize cantei, quando os amores  
Cantei das bellas ninfas e pastores.  
Vão os annos correndo, além passando  
Do oitavo lustro ; as forças vae quebrando  
A pallida doença ; e o humor nocivo  
Pouco a pouco destroe o succo activo,  
Que da vista nutrira a luz amada :  
Tão pouco vi a testa coroada  
De capellas de loiro, nem de tanto  
Preço tem sido o lisongeiro canto,  
Que os mesmos, que cantei, me não tornassem  
Duro premio, si a mim me não sobrassem  
Estimulos de honrar o patrio berço. (62)  
Deixára de espalhar pelo Universo  
Algum nome, deixára... mas Eulina

(62) Algumas circumstancias da sua fortuna obrigaram o A. a servir  
se neste logar dos versos de Camões nos Luziadas cant, 8.º. est 81.

*E ainda, Muzas minhas, não bastava,*

Me chama: já soava a voz divina.  
E aos bustos percorrendo, assim cantava:  
Aquelle (e no primeiro se firmava)  
Aquelle, que na frente traz gravado  
O caracter de um animo empregado  
Em continuas fadigas, que inda sua  
Por entre a espessa brenha, e serra nua,  
Vencendo asperos riscos e as correntes  
Dos rios, não cortadas de outras gentes,  
Mais que do hirsuto e barbaro gentio ;  
E' Rodrigo, que junto áquelle rio,  
Que acabas de pisar, a vida entrega  
A's mãos de uma ousadia infame, e céga.  
Em vão tentou ao rei dar novo augmento  
Das Minas no feliz descobrimento ;  
Que atalhando seus passos duro fado  
Aqui lhe tinha a urna preparado ;  
Em vez de roxos lyrios e assucenas  
Barbaras flores lhe derrama apenas  
Piedosa mão, si acaso monstro enorme  
Seu tumulto não pisa, e nelle dorme.

Arthur é quem succede mais ditoso,  
Pois que attrahindo ao Borba generoso,  
Que ao centro dos sertões se retirára,  
Com elle empr'ende ver a terra avára,  
Onde jaz de Rodrigo a sepultura :  
Vê, qual provida mão dar-lhe procura  
O luzente metal, que longos annos  
Se negára á fadiga dos humanos.

O terceiro é Fernando, que sustendo  
Difficilmente as redeas, se está vendo  
Entrejos insultos da rebelde gente ;  
Desde de longe o ameaça a bala ardente,  
A crua espada e o punhal ferino,  
Se não volta e obedece ao seu destino :  
E' prudente o varão ; vê-se arriscado

Sem armas, sem defesa, e profanado  
O respeito não quer, e auctoridade,  
Que sustenta do rei a magestade.

De vendar o mando a empresa toma  
O famoso Albuquerque, e a grande somma,  
Dos thesouros, que guardo, eu lhe preparo,  
Melhor do que nos marmores de Paro,  
Ou nos polidos bronzes de Corintho,  
Elle o seu nome levará distincto,  
De uma vez as cabeças decepando  
Da hydra venenosa, que soprando  
Ainda o fogo está da rebeldia,  
Fará subir com nobre valentia  
De choupanas humildes a altas torres.  
Essas povoações, que haver discorres  
Desde esta margem a meu fundo centro  
Quanto do seio meu se encerra dentro  
Liberal eu virei dar-lhe em tributo ;  
Da grande cópia do amarello fructo  
Os curvos lenhos em fecundas frotas  
Irão levar ás regiões remotas  
As preciosas porções, que nunca vira  
Em tal grandeza o rei, que dividira  
As aguas do Eritreu, e desde o Thiro  
Ao claro Ophir voou com longo giro.

Do Carmo a villa, e a villa do Ouro-Preto  
Formarão das conquistas o projecto ;  
Junto ao rio, a que as velhas deram o nome,  
A terceira erguerá, que foral tome.

Já vens cortando o mar para rendel-o,  
Magnanimo Silveira ; do teu zelo  
Fia o rei, se adiante o novo emporio,  
Em trinta arrobas de ouro faz notorio  
Por esta vez o povo o seu tributo ;  
E agradecido o rei conhece o fructo  
Da tua persuasão, sem que a violencia  
Arrastasse os esforços da prudencia ;  
Do teu antecessor seguindo a estrada

Passas a ver com gloria edificada  
A villa que escondida o fado tinha  
Com o precioso nome da Rainha ;  
E no distante Serro se levanta  
A outra, que do Principe se canta ;  
Ditasas povoações, que hão de algum dia  
Encher de lustre a luza monarchia.

    Creadas as tres villas, já demarcas  
Os distinctos limites das comarcas :  
Dás com provida mão leis, e moderas  
As discordias civis, já consideras  
Domado o povo, e em successão gloriosa  
Ao claro Almeida entregas a custosa  
Porção das Minas do ouro, ó tu mil vezes  
Digno filho de Marte, que os arnezes  
Acabas de romper entre os Iberos ;  
Que ousados braços, que semblantes feros  
Te não cabe aterrar ! ao longe eu vejo  
Erguer-se a multidão, que em vão forcejo  
De attrahir e render : vem arrastando  
Infames chefes o atrevido bando :  
Chegam, propõem, disputam : nem se nega  
Teu intrepido rosto á furia céga  
Do fanatico orgulho : oh ! não se engane  
O vassalo infiel ; bem que profane,  
Que ataque, e insulte a régia auctoridade !  
Ao destroço da vil temeridade  
Será o campo theatro, e em sangue escripto  
Chorarão sem remedio o seu delicto.

    Cahe a sublevação, e restabelece  
Outro Almeida o real decôro ; cresce  
A opulencia no estado ; um Mello e Castro  
Da esphera luzitana feliz astro  
Já succede, ao bastão, que Almeida empunha ;  
Deste heróe as virtudes testemunha  
Italia toda e as suas glorias somma  
Cheias de tanto nome illustre Roma.

Mas qual te chamarei, ó sempre digno  
Successor de Galvéas ; o benigno  
Céu, que te envia a nós, de riso cheio  
O seu semblante inculca, ah ! que do meio  
Do Guadiana te arrancou pendente.  
Já vejo a espada, e vejo a arêa quente  
Do sangue derramado ! que destino  
Tão fausto para nós ; já imagino  
Que eternos os teus dias lograremos,  
Dos Tritões sobre as costas levaremos  
Ao luso Atlante nunca tão pesados  
Os reaes cofres : vinde, ó dilatados  
Sertões, vinde montanhas, vinde rios,  
Chegae tambem, ó barbaros gentios  
Do bravo Cuybá, do Matto-Grosso,  
De Pilões, de Goyazes, (63) vêde o vosso  
Destro governador, que desde as Minas  
Sustém a rédea, e manda as peregrinas,  
E sabias direcções, com que reparte  
Em uma e outra dilatada parte  
Sua provida mão, com que segura  
O bem do rei, dos povos a ventura.  
Já do pardo Ursguay (64) busca a corrente,  
O irmão o substitue ; o sangue ardente  
Lhe lembra a imitação de heroicos feitos,  
Generosos Andradas, dignos feitos !  
Este alimpa os sertões (65) da gente ociosa,  
Que do roubo se nutre : a deliciosa  
Margem do Rio Grande é povoada :  
Toda a larga campina, que pisada

---

(63) *De Pilões, de Goyazes.* Todos estes districtos, que hoje estão repartidos em diferentes capitánias se comprehendem por alguns annos debaixo do governo do exm. Conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrada.

(64) *Já do pardo Uruguay.* Toca-se neste verso a diligencia de commissão, á que foi mandado para as distancias das Missões.

(65) *Este alimpa os sertões.* Expedição que fez o exm. Conde actual de Bobadella sobre o grande numero de negros aquilombados no Campo Grande, de que foi commandante Bartholomeu Bueno.



Fôra do Cafre vil, do regio erario  
Rende os tributos : pôde o Céu contrario  
Sim roubar-vos, ó Freires, mas na edade  
Ha de ser immortal nossa saudade.

Vês ora o grande Lobo: este caminha (66)  
Seguindo a serra, que lá tem vizinha  
De Paulo a capital; impede os passos,  
Que o extravio, prompto aos ameaços  
Da guerra acóde, a terra fortalece  
De militares tropas, e a garantece  
De bellicos petrechos: já fundido  
Sahe da fornalha o bronze, e convertido  
Em raios de Vulcano atoa os montes.

Mas ai, que já do Tejo os horisontes  
Se vêm escurecer! já deixa a praia  
Aquelle heróe saudoso, que se ensaia  
De verdes annos a ganhar victorias!  
Já nos demanda e busca: nas memorias  
Seu nome impresso guardarão as Minas.  
O', e de que influencias tão benignas  
Seu governo não é! ao conquistado  
Quanto de novo tem accrescentado!  
Domesticas aldéas reconhecem  
A protecção do rei: já obedecem  
As distantes regiões; vem o Tapuya (67)  
Do escuro Cuiethé, ou do Orucuya  
Beijar o sanctuario: qual se esconde  
Rio, ou montanha tão remoça, aonde  
Não se investigue por seu mando o ouro?  
Que crime ha tão seguro, que ao vindouro

---

(66) *Este caminha.* Viagem dilatada, e asperrima por mais de 400 leguas em visita da capitania sobre a costa de S. Paulo, que acompanhou o A. servindo de secretario do governo das Minas.

(67) *Vem o Tapuya.* Conquista dos gentios, que se estendem por este districto, onde hoje por beneficio do exm. Conde de Valladares se acham domesticos muitos indios com egreja e parochio que lhe administra Sacramentos.

Com o exemplo profano ? ó singulares  
Dotes do Conde meu de Valladares !

Assim cantava a Nympha arrebatada  
Do prophético espirito dourada,  
E sonora trompa já se ouvia  
Entre um tropel de brutos, que feria  
A praia opposta ; a luminosa sala  
Se ia negando aos olhos ; já não falla  
Itamonte ; e o mancebo já se esconde,  
E Garcia (oh prodigio !) se acha, aonde  
Ha pouco antes se achara, adverte, e nota,  
Que para alli com placida derrota  
Vêm chegando Albuquerque e os companheiros.  
Já festivos clarins peios oiteros  
Se deixam perceber louvando a vida,  
Em vivas tudo sôa ; e corre ainda  
O mesmo bando, que turbara a entrada  
A protestar a fé, já detestada  
A torpe idéa, que o arrastára um dia.

Alegre o heróe se abraça com Garcia ;  
Alegres dão-se as mãos Borba, e Camargo ;  
Conta o mancebo do feliz lethargo  
As horas ; conta o heróe o que passára,  
Como um, e outro chefe alli o buscára ;  
Como já com certeza achado tinha  
O sitio aonde levantar convinha  
A capital das Minas : vem Fialho,  
Affirma que, seguindo um breve atalho  
O fundo, registrára de Itamonte ;  
Que vira o valle e a aprazível fonte,  
Onde de Eulina inda a memoria vive.  
Presente, diz o heróe, tambem eu tive  
Toda esta noite quanto viu Garcia.  
O genio celestial, que pôde um dia  
Descobrir-me o segredo deste emporio,  
Tudo aos meus olhos, tudo poz notorio ;

Vi este sitio, o valle, o rio, a serra.  
E os thesouros, que o monte ao longe encerra,  
Aqui entre estes povos se levante  
A villa, e já passando mais avante  
Se erija a capital : isto dizendo,  
Reparte as ordens : todos correndo  
A um tempo vão na fabrica luzida  
De um e'outro edificio ! da ferida  
Que abria o ferro em um robusto lenho,  
Commodo á obra, por noticia tenho,  
Que um cheiroso licor se derramava  
Da côr do sangue ; absorto o herôe estava.  
E' vendo a maravilha, diz a Bueno :  
Acaso crera, que o paiz ameno  
Lembra o successo das irmans piedosas,  
Que inda choram no Evidant as saudosas  
Memorias do abrasado irmão ; coalhadas  
Assim se vêm as lagrimas brotadas  
Dos moles choupos. Bueno, que não perde  
A oportuna occasião, do tronco verde  
Toma argumento e diz : a antiga historia  
Desta arvore (68) eu a guardo de memoria  
Desde a primeira vez, que um indio velho  
Encontrei nos sertões ; e de conselho  
Saudavel quiz que eu fosse soccorrido.  
Nestes montes me conta que nascido  
Fôra um mancebo ; Blazimo era o nome  
Que a corrupção do tempo em vão consome,  
De Balsamo guardando inda a lembrança.

Este tão destro em sacudir a lança.  
Como em matar ás mãos tigre ousado,  
Da formosa Elpinira namorado,  
E seguro no sceptro, que mantinha

---

(68) *Desta arvore.* Metamorphose de balsamo, arvore que se produz em muita abundancia nas conquistas do Brasil, e com especialidade em todas as partes das Minas, com muito pouca estimação dos seus habitantes.

De trinta aldéas, que a seu mando tinha,  
A demandava esposa : disputava  
Argante um tal amor ; a grossa aljava  
Dos hombros lhe pendia, e sempre em guerra  
Fumar fazia a ensanguentada terra.  
Elpinira, que causa se conhece  
De tanto estrago, entre ambos se offerece  
A dar a mão ao que a ganhasse em sorte,  
(Por que caminhos não buscava a morte !)  
Convém os dois rivaes, e o pacto acceito  
Um dos dias do anno tem eleito,  
Em que o seu Paraceve (69) festejavam.  
Brancas e negras pedras ajuntavam  
Em uma concha ; e em roda juntos todos  
Ao grande acto concorrem, varios modos  
Inventam já de bailes, ogo e dança,  
Coroando cada um sua esperança.  
Preside ás sortes o bom velho Alpino,  
Pae de Elpinira, e rei : vem o ferino  
Argante ; pés e mãos tendo cercado  
De verdes pennas, onde amor firmado  
Traz o presagio da victoria : a frente  
Blasimo adorna de um lourel florente,  
Que tecem muitas rosas animadas  
De suavissimo cheiro : estão sentadas  
Varias indias, cercando em torno a bella  
Elpinira, orna a testa uma capella  
De rosas, e folhetas pendem de ouro  
Das orelhas ; portudo um triste agouro  
Respirou : muitas arvores tremeram,  
Os passaros do dia se esconderam,  
Só os da noite sussurar se viram.  
Juram, dando-se ás mãos os dois, e tiram  
Cada qual sua pedra ; a branca expunha  
Sorte feliz ; a negra testemunha  
A perda da consorte ; está jurado

---

(69) *Paraceve* é propriamente o nome, que dão os indios á semelhantes festejos.

Soffrer com paz, o que não for premiado.  
Blazimo vence ; Argante se retira,  
E simulando a dor, geme, suspira.  
Viva Blazimo, dizem : logo as vozes  
A Argante vão ferir, e tão atrozes  
Passam a ser as fúrias em seu peito,  
Que desde aquelle instante faz conceito  
De vingar sua dor, roubando a gloria  
Ao mesmo, que o privára da victoria.

Com rosto disfarçado quer contudo  
Lograr o golpe ; um meditado estudo  
Lhe lembra a occasião, o sitio e a hora  
De banhar toda em sangue a mão traidora :  
Eu, diz Argante, eu devo entrar em parte  
Nas vossas glorias, todo o esforço dar-te,  
E do engenho porei, por que se veja  
Que cedo alegre, e não me arrasta a inveja.  
Na minha aldêa, e entre os meus povos quero  
Festejar vossas nupcias ; nella espero  
Dar-vos provas do gosto e da alegria,  
Que me saõ trazer tão fausto dia.

Alli de firme paz e de alliança  
Farei novo concerto e da vingança  
Celerá de uma vez o vil projecto  
(O' dura força de um mentido affecto !)  
Acceita Alpino : Blasimo é contente,  
E Elpinira tambem, que já presente  
Crê a ventura, que esperára anciosa.  
Tres dias pede Argante, e a insidiosa  
Idêa lhe propõe um torpe meio  
De executar o damno sem reccio.  
Manda alimpar a estrada, funda cava  
Faz abrir no mais plano, que abarcava  
Ambas as margens ; desde o centro ao alto  
Mette a aguçada estaca, e quanto falto  
De terra está, cobre de ramo brando ;  
Sobre elle moles folhas vac deitando,

Que a mesma terra entaipa, e já figura  
A superfície igual, e limpa e pura. (70)

Chega a terceira aurora ; desde a aldêa  
Alegres vem sahindo, e os lisongêa  
Argante, tendo em fronte aparelhado  
Do logar da traição o costumado  
Baile, com que na paz se festejavam  
De muitos dos seus índios : já pisavam  
A estrada os dois amantes : o pae vinha  
De um lado, e de outro lado da mão tinha  
Blazimo presa a idolatrada esposa.  
(Que triste vista, que illusão faustosa !)  
Todos deante vem ; este o costume  
E' da nação, nem teme, nem presume  
Algum dos tres, e ainda o povo todo  
A urdida morte por tão novo modo.

Com Argante, e seus índios se avistavam,  
Em vivas desde longe se saudavam.  
Infelizes (que dor !) as plantas punham  
Sobre a coberta cava, e já suppunham,  
Que os braços ao amigo se estendiam,  
Quando passados os seus peitos viam  
Das aguçadas farpas : volta Argante  
Colerico, soberbo e triumphante  
Sobre os desprevenidos que acompanham  
Sem armas ao seu rei : todos se apanham  
Presos das mãos das emboscadas ; morrem  
Immensos índios ; a fugir recorrem,  
Mas a gente, que ás costas lhe ficava,  
O resto, o infeliz resto destroçava.

Já mortos os tres índios lançam terra  
Sobre os seus corpos ; uma urna encerra  
O misero despojo : o Céu procura  
Vingar o grave horror ; da sepultura

---

(70) Artificio, de que usam os índios, tanto para colherem a caça, como nas occasões de guerra: Veja-se D. Alonso de Ercilla na sua *Arancana*, parte 1.ª, canto 1.º: chamam-se vulgarmente fôjos.

Vê-se brotar uma arvore, que verte  
Cheiroso sangue : o caso se converte  
Em fabulosa historia ; e se acredita  
Que Blazimo, a quem segue esta desdita  
Das mesmas flores, de que a testa ornára,  
E do seu sangue a côr, e o cheiro herdára  
E que o Céu testemunhos multiplica,  
Multiplicando os troncos ; assim fica  
A tradição nos nacionaes guardada ;  
O indio, que me conta a dilatada  
Historia ; diz-me então, que mal segura  
E' sempre a fé, que o inimigo jura.

Ouve Albuquerque o caso, e não ignora  
Que alto mysterio dissimula agora  
Em suas vozes Bueno ; tem previsto,  
Quanto o nome do rei se vê mal-quisto  
Entre os chefes do povo levantado,  
E trazendo em memoria o já passado  
Encontro adulator, que de Fernando  
Acobardára a entrada ; então chamando  
Os membros principaes, que arrebatava  
A fanatica idéa, assim fallava :

Vassallos sois de um rei, que não vos deve  
O sceptro, ou a corôa ; a origem teve  
Já dos vossos senhores ; por herança  
O reino augusto em suas mãos descança.  
Sendo assim, bem sabeis, que é só tributo,  
E não dadiva vossa aquelle fructo,  
Que adquirem vossas forças ; dou, que fosse  
Vossa a conquista ; o seu dominio e posse  
Só cede ao nosso rei ; causa commua  
Seja ella embora, é nossa, por que é sua.  
Elle os seus braços para nós estende,  
Nos manda e rege ; e tudo comprehende,  
O seu imperio na maior distancia ;  
Nós juramos das leis toda a observancia,  
E do primeiro pacto não devemos

Apartar-nos, pois nelle nos prendemos.  
Do castigo e do premio elle confia  
Das minhas mãos o arbitrio ; eu deveria  
Usar do meu puder ; porém cedendo  
A' piedade o rigor, de vós pretendo  
Só dignas provas de obediencia pura.  
Não quero crer a sem razão perjura,  
Que dominou em vós ; a calumniosa,  
Torpe mentira, cuido que enganosa  
Fez voar tudo quanto é já notorio,  
Que tem feito a ruina deste emporio ;  
Emfim perdôo a todos o passado ;  
Firma o rei o perdão, que tenho dado.

Conheço (e com Vianna só fallava)  
Que em vós, e em vosso peito dominava  
Um zelo justo pelas leis, que guardo ;  
De dar as providencias já não tardo  
Sobre os dois ímpios, que influir poderam  
Nas discordias civis : elles se alteram  
Com a minha chegada, e vão buscando  
Estranhos climas, libertando o bando,  
Que attrahiram talvez, ou que arrastaram :  
Os poucos membros, que entre nós ficaram.  
Farei por conservar na paz, que espero,  
Mas da vossa obediencia a prova quero  
Mais solida e mais firme ; ao longo centro  
Dos sertões passarei, e alli dentro  
Dos seus limites conterei seguros  
Na doce paz os animos impuros,  
Que os não manche outra vez o humor nocivo  
Da infame rebeldia ; o braço activo  
Saberá, exgotando todo o empenho,  
Destroçal-os, punil-os ; mas que venho  
A meditar ; de vós tudo confio ;  
De vós, do vosso zelo, esforço e brio.

Isto dizendo, os braços estendia  
Para Vianna : nelles recebia



Logo a Francisco a quem recommendava  
O mesmo, e muitas vezes protestava,  
Que do seu rei poria na presença  
Um tal serviço : ordena sem detença,  
Que partam desde logo : tem por dita  
Os dous vassallos, ver, que os acredita  
O conceito do heróe, as mãos lhe beijam,  
E o desterro politico desejam  
Cumprir mais, que por força, por vontade.

Aos dous religiosos persuade,  
Quão longe vão marchando ; e dêem as costas  
A' torpe hypocrisia, que dispostas  
Tinha em vão as idéas do attentado.  
A rebeldia ao centro tem baixado.  
Cheio de furias mil vomita fogo  
O interesse que o guia, e arrasta logo  
O falso engano e a traição malvada,  
Que vêm tanta fadiga mal lograda.

---

## CANTO DECIMO

De Flegón e Piróis as redeas de ouro  
Batia o sol, e com feliz agouro  
Em giros onze ao luzitano fasto  
Sobre mil setecentos, que tem gasto  
Pelo eclitico cerco em fim trazia  
O mez, que Roma do seu Julio fia.

Eis que Albuquerque adiantando o passo  
Da margem, que deixára, em breve espaço  
Pisava as faldas do Itamonte : estava  
Co's olhos fitos o gigante, e dava  
Vivos signaes de uma alegria interna  
Certo que de seus braços já governa  
Tão grande parte a direcção prudente  
Do magnanimo heróe, elle impaciente  
Na dilação de ver a villa erguida,  
Conta-se, (nem do caso se duvida)  
Que assim fallára, quando o viu deante :

O' tu por tantos riscos triumphante,  
Albuquerque feliz, pois que a fortuna  
Te conduziu com maxima opportuna  
▲ registrar de perto os meus dominios ;

Pois que cortados os fataes designios  
Do conjurado bando, alegre pisas  
Este verde paiz onde eternisas  
Em gloriosos feitos o teu nome,  
Deixa que em teu obsequio a empresa tome  
De ir já desentranhando do meu seio  
Os marmores mais finos : Nisto veio (71)  
Pulando desde o centro um padrão liso  
Da mais solida maça ; eu já diviso  
Nelle entalhadas do cinzel agudo  
As regias armas ; tanto ao destro estudo  
De Praxiteles não devera a idade ;  
Sobre a quadrada base á eternidade  
Se recommenda a estampa ao alto erguida  
Sobre a columna, a ponta está partida  
De um afilado alfange ; assim denota  
Que os crimes ameça, e o sangue exgota  
Dos que, entregues á perfida maldade  
Desconhecem as leis da humanidade.

Este padrão (72) no meio se colloca  
Da régia praça ; quasi os Céus provoca  
Soberba torre, (73) em que demarca o dia  
Voluvel ponto, e o sol ao centro guia.

Do ferreo pau já sóbe, e já se estende  
Magnifico edificio (74) onde pretende  
A deusa da justiça honrar o assento ;  
Aqui das penas no fatal tormento  
A liberdade prende ao delinquente,  
E arrastando a miserrima corrente  
Em um só ponto de equilibrio alcança  
Todo o fiel da solida balança.

---

(71) *Nisto veio.* Deste penhasco se tira pedra dos edificios da villa.

(72) *Este padrão.* Peloirinbo.

(73) *Soberba torre.* Torre do relógio.

(74) *Magnifico edificio.* A cadeia: todas estas obras são de avultada grandeza e constituem a formosura e magnificencia da villa.

Da sala superior tecto dourado  
se destina ao publico senado,  
Que o governo economico dispensa.

Lavra artifice destro sem detença  
Os marmores cavados ; e de polidas,  
E altas paredes já se veem erguidas  
As magestosas salas, que recolhem  
Regios ministros, que os tributos colhem,  
E em respectivos tribunaes decentes  
Dão as próvidas leis ; talvez presentes  
Tem Itamonte já no claro auspicio  
De nm, e outro magnifico edificio  
As que espera lavrar liquidas fontes, (75)  
Que vomitam delfins, e regias pontes,  
Que se hão de sustentar sobre a firmeza  
De grossos arcos : da maior riqueza  
Presentes tem talvez os sanctuarios, (76)  
Em que se hão de exgottar tantos erarios :  
Onde Roma ha de ver em gloria rara,  
Que debalde aos seus templos disputára  
A grandeza, o valor e a preeminencia.

Trajando as galas da maior decencia  
Nos paços do senado o heróe entrava.  
Da cór da Tyria purpura talhava  
A farda militar, cingia-lhe o lado  
A rica espada, que já tem provado  
Mil vezes o furor do irado Marte ;  
E a mão, que os premios liberal reparte,  
E dispõe os castigos, já sustenta  
O castão que os poderes representa.

Estão no plano os esquadrões formados,  
Monta a cavallaria, e cinge os lados ;

---

(75) *Liquidas fontes e régias pontes.* Tem a villa um grande numero de fontes e chafarizes de marmore, e tres pontes principaes de igual arteificio.

(76) *Sanctuarios.* A villa se divide em duas freguezias, a de Antonio Dias com a invocação da Senhora da Conceição : a de Ouro Preto com a invocação do Pillar ; os dous templos são preciosos.

O centro occupa a infantaria : tudo  
Respira da grandeza um novo estudo.  
Brilha o aceso e a ostentação ; a idéa  
Crê, que dos Céus na vista se recrea,  
Vendo nos recamados fios de ouro  
Que o sol retrata alli o seu thesouro.

Desta arte entrando vae na régia sala,  
Senta-se ; mede a todos, e assim falla :  
Felizes vós, feliz tambem eu devo  
Chamar-me neste dia ; pois que escrevo  
Com letras de ouro o meu e o nome vosso.  
Entre as victorias, e entre as palmas posso  
Seguro descançar : emfim cahida  
Vejo de todo a rebeldia erguida,  
E vassallos de um rei, que mais vos ama,  
Buscaes acreditar a vossa fama  
Com o dote immortal, que a nação presa  
De uma fidelidade portugueza.  
De meus antecessores longe o susto,  
Goze-se a doce paz, e um trato justo  
De amisade, e de fé de hoje em diante  
Acabe de apagar o delirante  
Fanatico discurso, que inda excita  
De algum vassallo a dor ; não se limita  
O regio braço : a todos se dilata,  
A todos favorece, acolhe, e trata,  
Sem outra distincção mais, do que aquella,  
Que demanda a virtude illustre e bella.

Disse ; e solemnizando a acção, procura  
Se lavre logo a solida escriptura,  
Onde o foral da villa se estabelece.

Em tanto o patrio genio lhe offerece  
Por mão de destro artifice pintadas  
Nas paredes as ferteis dilatadas  
Montanhas do paiz, e aqui lhe pinta  
Por ordem natural, clara e distincta

A differente fórma do trabalho,  
Com que o sabio mineiro entre o cascalho  
Busca o loiro metal ; e com que passa  
Logo a purifica-o sobre a escassa  
Taboa ou canal do liso bulinete;  
Com que entre a negra areia ao depois mette  
Todo o extrahido pó nos ligneos vasos,  
(Que uns mais concavos são, outros mais rasos)  
E aos golpes d'agua da materia estranha  
O separa e divide ; alta façanha  
De agudo engenho a machina apparece,  
Que desde a summa altura ao centro desce  
Da profunda catta, e as aguas chupa. (77)

Vê-se outro mineiro, que se occupa  
Em penetrar por mina o duro monte  
Ao rumo obliquo, ou recto ; tem defronte  
Da gruta que abre, a terra que extrahira ;  
Os lagrimaes das aguas, que retira  
Ao tanque artificioso logo solta ; (78)  
Trazida a terra entre a corrente envolta  
Baixa as grades de ferro ; alli parados  
Os grossos esmeris são depurados,  
Deixando ao dono em premio da fadiga  
Os bons thesouros da fortuna amiga.

Por entre serras est'outro vae buscando  
As betas de ouro ; aquelle vae trepando  
Pelo escabroso monte, e as aguas guia  
Pelos canaes, que lhe abre a pedra fria.  
Não menos mostra o genio a agricultura

---

(77) Nesta descripção dá o auctor a conhecer a formalidade, com qua trabalham os mineiros, que se servem do artificio da roda nas suas cattas, ou lavras, vulgarmente chamadas do talho aberto, que se praticam nos rios e suas margens. Quem quizer mais individual noticia desta materia, leia a historia de Sebastião de Pitta Rocha, que tudo explica.

(78) Descripção dos serviços, que se fazem nas serras e mórros para se extrahir o ouro ; despendendo-se grossimo cabedal para se deguadarem e, se conduzirem de muitas distancias as aguas.

Tão cara fdo paiz, aonde a dura  
Força dos bois não geme ao grave arado ;  
Só do bom lavrador o braço armado  
Derriba os mattos, e se atéa logo  
Sobre a secco materia o ardente fogo.

Da molle producção da canna loira  
Verdeja algum terreno, outro se doira ;  
O lavrador a corta, e lhe prepara  
As ligeiras moendas ; alli pára  
O esprimido licor nos fundos cobres :  
Tu, ardente fornalha, me descobres,  
Como em brancos torrões é já tornado  
A estímulos do fogo o mel coalhado. (79)

O arbusto está, que o vicio tem subido  
A inestimavel preço, reduzido  
A pó subtil o tallo e a folha inteira.  
Não menos brota a oriental figueira (80)  
Com as crescidas folhas, e co'fructo,  
Que inda nos lembra o misero tributo,  
Que pagam nossos paes, que já tiveram  
A morada do Edea, e não puderam  
Guardar por muito tempo a lei imposta  
(O' natureza ao Creador opposta !)

Os passaros se veem de especie rara,  
Que o Céu de lindas cores emplumára,  
As feras e animaes mais exquisitos  
Todos no alegre mappa estão descriptos ; (81)

---

(79) Descripção da planta da canna, dos engenhos, em que se fabrica o assucar, e da herva, de que se faz o tabaco: veja-se o citado Pitta.

(80) Sobre o texto do Genesis—*Consuerunt folia ficus* — não tem faltado opiniões, que sustentam ter sido a bananeira a arvore, que soccorreu com a grandeza das suas folhas á nudez dos nossos primeiros paes.

(81) O auctor se serve dessa opinião, e applica neste logar uma passagem de Milton no seu Paraiso Perdido no livro, ou canto 10 ibi — *Ils y chaisrent le figuier; non cette espèce renommé pour le fruit, mais cette autre que connaissent encore aujourd'hui les Orientaux en Malabar, ou Recan. Ses rameaux courbés prennent, dit on, racine en terre; et croissant á l'ombre de la principale tige, comme des filles que se rassemblent autour etc.*

Os olhos deleitando, e entretendo  
O heróe, que facilmente está crendo,  
Ao ver, que destra mão dar-lhes procura  
A vida, que lhes falta na pintura.

Mas já lavrado estava, e já firmado  
O termo, que escrevera o bom Pegádo ; (82)  
Quando mais que a eleição podendo o acaso,  
Manda o heróe que se extraíam d'entre um vaso  
Os nomes dos primeiros, a quem toca  
Reger a vara que a justiça invoca.  
A ti te chama a sorte, ó grande Mello,  
E tu, Fonseca, em nobre parallelo  
Cedes nos annos teus á precedencia,  
Da que contemplas provida influencia ;  
Seguem-se áquelles dous um Figueiredo,  
Um Gusmão, um Faria, e te concedo  
Que sejas tu, Almeida, o que completes  
O numero na acção, em que competes.

Ancioso o povo ás portas esperava  
Pela alegre noticia, e já clamava ;  
Viva o senado ! viva ! repetia  
Itamonte, quo ao longe o echo ouvia.

Emfim serás cantada, Villa Rica,  
Teu nome impresso nas memorias fica.  
Terás a gloria de ter dado o berço  
A quem te faz girar pelo universo.

---

(82) Aos 8 dias do mez de julho de 1711 fez o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvavalho uma junta no arraial do Ouro Preto para se erigir nelle Villa-Rica. Servia de secretario Manoel Pegádo, de quem se tem feito menção em varias partes ; no mesmo dia se elegeram os vereadores e juizes ; e sahíam eleitos a mais votos, por juiz mais velho coronel José Gomes de Mello, juiz mais moço, Fernando da Fonseca e Sá vereador mais velho, Manoel de Figueiredo Mascarenhas ; segundo vereador, Felix de Gusmão e Mendonça ; terceiro, Antonio de Faria Pimentel proeurador, o capitão Manoel de Almeida Costa.

No dia 9 tomaram posse : tudo consta do registro no livro dos termos do governo, que se acha na secretaria das Minas-Geraes desde o dia 7 de julho de 1710.



L7-C63

JF436

